

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Thula Moreira Drumond

Fenômeno psicossomático, holófrase, objeto a e letra: um roteiro de estudo

Belo Horizonte
2016

THULA MOREIRA DRUMOND

Fenômeno psicossomático, holófrase, objeto a e letra: um roteiro de estudo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigação no Campo Clínico e Cultural

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Márcia Maria Rosa Vieira Luchina

Belo Horizonte
2016

Nome: Thula Moreira Drumond

Título: Fenômeno psicossomático, holófrase, objeto a e letra: um roteiro de estudo*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Márcia Maria Rosa Vieira Luchina (Orientadora)

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a Ângela Maria Resende Vorcaro

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a Ilka Franco Ferrari

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)

Assinatura: _____

* De acordo com o estilo APA (American Psychological Association)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela inspiração e pelo dom da vida.

A minha mãe, pelo amor e apoio incondicional.

Ao meu irmão, por ter me acolhido em Belo Horizonte e pela cumplicidade nos momentos bons e ruins.

A minha tia Ronara, por sempre me apoiar e nunca me deixar desistir do meu sonho.

Aos meus avós pelo amor que sempre demonstraram por mim.

A minha orientadora Márcia Rosa, por ter me recebido como sua orientanda e pelo rigor de sua leitura, que me fez crescer e aprender como pesquisadora.

À Ângela Vorcaro, por ter me acompanhado desde a arguição oral de entrada no mestrado, na qualificação, e agora por ter aceitado fazer parte da banca. Obrigada pela escuta e pelas críticas construtivas feitas com ternura e respeito e que aprimoraram ainda mais o meu trabalho.

À Ilka Franco, por ter aceitado com generosidade participar da minha defesa.

Aos professores pelo conhecimento transmitido.

Aos colegas do mestrado, em especial à Camila Sales e à Paula Brant, pela amizade, pela acolhida e por terem me amparado nesta mudança para Belo Horizonte. Foi uma mudança de vida, e sem vocês ela teria sido muito mais difícil. Muito obrigada por tudo.

Aos meus eternos professores Rodrigo Zanatta e Walter Barreto. Sem vocês seria impossível ter chegado até aqui. Muito obrigada por tudo. Pela transmissão da psicanálise, pelas parcerias sempre produtivas, pela amizade e por acreditarem em mim.

Aos meus queridos amigos do IPSM-MG, pelo apoio, pelas conversas, pela amizade. Em especial: Michelle, Leonardo e Júlia.

A minha prima Mônica Silva, pelo incentivo de continuar tentando e pelas dicas de como ser uma pesquisadora! Você é meu exemplo.

Ao Thalís, pelos momentos de silêncio em casa, porque eu estava estudado. Obrigada pelo apoio.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma participaram desses dois anos de estudo e pesquisa e que me acompanharam nesta difícil tarefa que agora chega ao fim.

RESUMO

Drumond, Thula Moreira. (2015). Fenômeno Psicossomático, holófrase, objeto a e letra: Um roteiro de estudo. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Esta dissertação tem como objetivo trabalhar os fenômenos psicossomáticos através das contribuições teóricas deixadas por Jacques Lacan, partindo de sua relação com o significante ao gozo específico e tendo como referência principal a letra e a escrita. Em 1964, Lacan afirma que é através de uma falha na operação de alienação que ocorre a holófrase, congelamento entre os dois primeiros significantes da cadeia, S1 e S2. Ao localizar o fenômeno psicossomático em uma série de casos que têm como ponto principal a holófrase, juntamente com a psicose e a debilidade, o autor nos adverte que em cada um desses casos o sujeito ocuparia um lugar distinto. Partindo da holófrase, propomos pensar a relação entre corpo e sujeito nos fenômenos psicossomáticos através da teorização da incorporação da estrutura de linguagem e seus efeitos, em especial quando não ocorre a afânise do sujeito. Passaremos pela holófrase e utilizaremos a experiência pavloviana com cães e a operação de separação citadas no *Seminário 11* por Lacan para discutirmos porque não há extração do objeto a nos FPS. Em 1975, Lacan retoma o tema sobre os fenômenos psicossomáticos através de perguntas da plateia, porém, agora o referido fenômeno é trabalhado na vertente do gozo e da letra, como um gozo específico e algo que é escrito para não se ler. Partindo destas duas afirmações lacanianas, iremos trabalhar a noção de letra e escrita, a fim de pensarmos a relação entre escrita e fenômeno psicossomático. Ao fim, relacionaremos o fenômeno psicossomático e a escrita com uma operação denominada transliteração.

Palavras-chave: Fenômeno psicossomático. Corpo. Holófrase. Objeto *a*. Gozo. Letra. Escrita. Delírio.

ABSTRACT

Drumond, Thula Moreira (2015). *Psychosomatic phenomenon, holophrase, object and letter: a studying script*. Master Essay, Post graduate Program in Psychology, Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

This Dissertation evolves the psychosomatic phenomenons through the theoretic contributions of Jacques Lacan, from his relation with the significant of pleasure in letter and writing. In 1964 Lacan suggests that holophrase occurs through a failure in the alienation operation, the freeze of the two first chain significant S1 and S2. By locating the psychosomatic phenomenon, together with psychosis and debility, in a series of holophrase cases, Lacan adverts that in each of these cases the subject occupies a distinctive place. Therefore I propose to theorize the relation between body and subject in the psychosomatic phenomenons, incorporating language structure and its effects, specially when the subject aphanisis does not occur. Through thte holophrase, the Pavlovian experience is applied to dogs, and the separation operation from Lacan's Seminar 11 will be discussed, as there is no extraction from the object in the PSP. In 1975 Lacan goes back to the psychosomatic phenomenons answering questions from the audience, this time working from the pleasure and the letter, as some specific pleasure, written not to be read. Starting from these two lacanian ideas I start from the notions of letter and writing to reorder the psychosomatic phenomenon in relation to writing. At last this conection is related to an operation called transliteration.

Key words: Psychosomatic phenomenon. Body. Holophrase. Object a. Pleasure. Letter. Writing. Delirium.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Punção com uma vetorização possível, como suporte para pensar as operações de alienação e separação	18
Figura 2: Operação de união	24
Figura 3: O sujeito e o Outro na operação de união	25
Figura 4:Tabela-verdade para o vel de alienação.....	27
Figura 5: Vel da alienação representado pelo exemplo de Lacan (“a bolsa ou a vida”)..	28
Figura 6: O ser, o sentido e o não-senso	28
Figura 7: Operação de interseção	30
Figura 8: Diagrama de separação	35
Figura 9: Ordenamento do correspondente das operações de alienação e separação	36
Figura 10: Duas séries de termos que se correspondem linha a linha (uma referente ao sintoma analítico, outra, ao FPS)	49
Figura 11: Cartucho encontrado na Pedra de Roseta e no Obelisco de Pilae.....	54
Figura 12: Corpo e organismo nos seres falantes e nos FPS	57
Figura 13: Nó borromeano	58
Figura 14: Representação gráfica da metáfora	62
Figura 15: Fórmula da metáfora paterna	63
Figura 16: Fórmula do resultado da metáfora paterna	63
Figura 17: Fórmula da metáfora paterna 2	64

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO: DA CAUSAÇÃO DO SUJEITO AO OBJETO A13	
2.1 Fenômeno psicossomático: uma leitura da medicina e da psicanálise	13
2.2 Alienação e separação: as operações de causação do sujeito	16
2.2.1 Alienação: o significante e o advento do sujeito	17
2.2.2 O sujeito não é causa sui.....	19
2.2.3 Afânise do sujeito	20
2.2.4 Vel da alienação	23
2.2.5 Separação: O Outro (A) e a dimensão do desejo	30
2.3 Holófrase.....	36
2.4 A não extração do objeto a nos fenômenos psicossomáticos	39
3 FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO: DO GOZO ESPECÍFICO À ESCRITA NO	
CORPO	44
3.1 Sintoma e fenômeno psicossomático: o que os difere?	44
3.2 Os Fenômenos psicossomáticos na perspectiva de Jacques Lacan.....	49
3.3 Conferência em Genebra sobre o sintoma.....	52
3.4 Psicanalistas lacanianos e os FPS	61
3.4.1 Jacques-Alain Miller: FPS e Metáfora paterna e subjetiva - afeto e emoção	61
3.4.2 Erick Laurent e o nome próprio	65
3.4.3 Jean Guôr: Significante datador e foraclusão nos FPS.....	67
3.5 Letra e escrita.....	68
3.5.1 Significante e letra em “Seminário sobre a Carta Roubada” e “Lituraterra”	68
3.5.2 O FPS o escrito e a transliteração	71
4 MOMENTO DE CONCLUIR.....	74
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo trabalhar os fenômenos psicossomáticos através das colaborações teóricas deixadas por Jacques Lacan. O tema relativo ao fenômeno psicossomático me fisga através de um estágio realizado na época da graduação, no Ambulatório de Lesões Dermatológicas da Univale, universidade em que me graduei, onde eram atendidos pacientes com feridas dermatológicas. O objetivo dessa clínica-escola era prestar assistência terapêutica a pacientes portadores de lesões dermatológicas, integrada a uma equipe multidisciplinar. O ambulatório era uma clínica-escola que reunia diversas áreas do saber, tais como enfermagem, nutrição, fisioterapia, farmácia e psicologia, porém, seu foco principal era a enfermagem. A psicologia entrou no ambulatório através de um discurso psicanalítico, com o objetivo de minimizar o discurso médico, predominante naquele ambiente, fazer com que uma escuta universal predominantemente científica se particularizasse e que o centro da questão parasse de ser o organismo enquanto ferida dermatológica e que se enxergasse ali um sujeito com todas as suas vivências e subjetividades.

Aos poucos, o discurso científico passava a dar lugar a algo relativo ao sujeito. Dessa forma, esse sujeito passava então a ser escutado e não somente falado, criando um espaço para advirem suas lamúrias e seus sofrimentos. A psicologia, através de uma escuta psicanalítica, trouxe o sujeito para dentro do ambulatório, onde antes só existia a ferida, um corpo despedaçado sem nenhuma subjetividade. Isso foi possível através de reuniões com a equipe, onde podíamos discutir, questionar e conversar sobre os pacientes, a direção do tratamento e a forma de acolhê-los dentro da clínica.

Através dessas reuniões, a equipe, em especial as estagiárias da enfermagem, passaram a questionar o discurso médico e a escutar o paciente para além de um organismo. Esse foi, sem dúvida, um ponto decisivo para que o trabalho fosse realizado de uma forma mais precisa e menos invasiva.

Com o fim do estágio e ao concluir a graduação, não recebi na clínica nenhum paciente acometido pelo fenômeno psicossomático; todavia, meu interesse por esse assunto só crescia. Por isso, resolvi investigar, estudar, através da literatura científica, este fenômeno que me colocou diante de vários questionamentos e me causava um enigma, tanto no que diz respeito às balizas possíveis para se pensar a direção do tratamento quanto o que se coloca como âmago da questão relativa ao fenômeno psicossomático.

Foi a partir da experiência no Ambulatório de Lesões da Univale e dos estudos da

teoria e dos casos clínicos realizados posteriormente que surgiu a questão central que instiga esta pesquisa: Se não há extração do objeto pequeno a nos fenômenos psicossomáticos, qual a saída encontrada pelo sujeito se esta não se dá via delírio?

Essa questão tem início no estágio do Ambulatório de Lesões, porém, ganhou mais força através de uma citação lacaniana em *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, em que ele afirma que os fenômenos psicossomáticos integram uma série de casos que têm como ponto principal a holófrase, ou seja, o congelamento dos dois primeiros significantes da cadeia S1-S2. Esta série de casos é integrada pela psicose, debilidade e fenômeno psicossomático.

Com o congelamento dos significantes a extração do objeto a fica impedida de acontecer, porém, isso não faz dos FPS algo inerente à psicose; eles são fenômenos estruturais, podendo ocorrer em qualquer estrutura, não sendo assim, um traço da psicose. Lacan (1964/1998c) nos dá uma pista sobre esta série de casos, dizendo que em cada um o sujeito estaria ocupando um lugar distinto. Foi seguindo esta trilha lacaniana que chegamos ao problema de nosso trabalho.

Esta dissertação cujo tema é “Fenômeno psicossomático, holófrase, objeto a e letra: um roteiro de estudo” é uma tentativa de, através das poucas contribuições deixadas por Lacan, pensarmos, partindo da teoria, o fenômeno psicossomático tanto na vertente do significante como na do gozo, tendo como ponto principal a letra, que vai servir de arcabouço teórico para discutirmos o que Lacan quis dizer com “algo da ordem do escrito” (Lacan, 1975/1998a, p. 13). A relevância do tema e o avanço da pesquisa e da clínica sobre os fenômenos psicossomáticos, partindo de suas dificuldades e balizas, justificam a escolha deste tema, que se nos apresentou como um enigma, do qual, assim como Champollion diante dos hieróglifos, não fugimos. Decidimos, portanto, mergulhar nesse assunto, a fim de compreendê-lo melhor e assim pensarmos em uma forma de deciframento possível.

Para elaboração desta dissertação que tem como eixo um estudo teórico, será preciso traçar alguns objetivos para uma melhor abordagem do tema e uma elaboração textual mais plausível. Segue nas próximas páginas o caminho que será trilhado para construção de nossa pesquisa.

Lacan trabalha os fenômenos psicossomáticos em dois momentos de seu ensino. No primeiro momento, eles são abordados na vertente do significante, tendo como eixo principal as operações de causação do sujeito, que são as operações de alienação e separação. Em um segundo momento de seu ensino, no ano de 1975, Lacan coloca os fenômenos psicossomáticos na vertente do gozo, ampliando dessa forma o campo de pesquisa no que diz

respeito ao referido fenômeno (1975/1998a).

Nesta dissertação, seguimos os passos de Lacan: no segundo capítulo, examinamos o fenômeno psicossomático e sua relação com o significante e no terceiro, recorremos à vertente de gozo, mas levando em consideração a questão da escrita, que também foi trabalhada nesse segundo momento da teoria Lacaniana.

No segundo capítulo intitulado *Fenômeno psicossomático: da causação do sujeito ao objeto a*, buscamos compreender porque não ocorre a extração do objeto a nos FPS. Para isso, foi necessário trazer a definição de corpo, tanto para a medicina como para a psicanálise. Ao escrever sobre os fenômenos psicossomáticos, é de importância fundamental compreendermos o que é o corpo em psicanálise. Os fenômenos psicossomáticos atingem o real do corpo, já nos advertia Lacan; se para a psicanálise o corpo se difere do organismo, para a medicina esses dois elementos se equivalem. O fenômeno psicossomático não é uma área exclusiva da psicanálise, a medicina também se ocupa dele, todavia, sua abordagem por vezes falha, apontando que existe um limite também para a medicina. Ao rechaçar o corpo enquanto algo que goza, a medicina não apreende esse fenômeno que se apresenta como um enigma indecifrável, tanto para o paciente quanto para o médico.

Para pensarmos essa relação entre medicina e fenômeno psicossomático, o texto de Antônio Quinet, *O corpo e seus fenômenos*, foi de importância fundamental.

Ao avançarmos na pesquisa e entrarmos no contexto das operações de alienação e separação, da holófrase (termos fundamentais para compreendermos os fenômenos psicossomáticos) e da não extração do objeto pequeno a nos fenômenos psicossomáticos, serão utilizados textos primordiais. Entre eles, dois textos lacanianos, *Posição do Inconsciente no congresso de Bonneval* de 1960 e *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* de 1964. Roberto Harari nos presenteou com seu livro *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de psicanálise*, trazendo uma leitura rica e esclarecedora sobre as operações de alienação e separação. Juntamente com esse livro, Colette Soler também trouxe contribuições sobre as citadas operações, mas em especial ao retratar a operação de alienação com o exemplo “a bolsa ou a vida”, com uma tabela verdade para o vel da alienação, retirada do texto *O sujeito e o Outro II*. O texto *Lógica simbólica*, de Irving Copi, também ajudará a compreender o vel da alienação.

A holófrase, termo essencial para compreendermos o fenômeno psicossomático, será trabalhada através de textos lacanianos, porém, também contamos com a contribuição de Ângela Vorcaro e Alexandre Stevens em seus textos *Da holófrase e seus destinos* e *La holófrase, entre psicosis y psicossomática*.

Jean Guir, com o fim do primeiro capítulo de seu livro *A psicossomática na clínica lacaniana*, e Ramires e Dunker, com seu texto intitulado *A fantasia encarnada: um estudo sobre os fenômenos psicossomáticos*, nos auxiliarão a desenvolver as questões sobre a não extração do objeto a nos FPS. Colette Soler, no livro *Seminário de leitura de texto Ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan*, nos instruirá ao desenvolvermos as três formas de extração do objeto a, o objeto enquanto extraído, cedido e historicizado, que foi tratado por Lacan em seu *O Seminário, livro 10: a angústia*.

Duas dissertações nos acompanharão na construção deste segundo capítulo. A primeira é a de Vanessa Riaviz, *Alienação e separação: a dupla causação do sujeito* e a segunda, de Nilda Sirelli, *Alienação e separação: a lógica do significante e do objeto na constituição do sujeito*.

O capítulo seguinte, que tem como título *Fenômeno psicossomático: do gozo específico à escrita no corpo*, trará o Lacan de 1975 e sua *Conferência em Genebra sobre o Sintoma*. Através de perguntas vindas da plateia, ele retoma o tema relativo aos fenômenos psicossomáticos. Trata-se de intervenções curtas, porém, distintas do que foi trabalhado no *Seminário 11*. Ele fala sobre os FPS partindo da vertente do gozo e da escrita. Nesse capítulo, nosso objetivo foi trazer a discussão sobre a escrita e sua relação com os fenômenos psicossomáticos.

Em 1975, Lacan compara os FPS ao hieróglifo, como algo que é escrito para não ser lido. Para avançarmos nessa discussão sobre o escrito, iremos recorrer a Jean Allouch em seu livro *A clínica do escrito*, no qual o autor narra como foi a tradução dos hieróglifos egípcios por Champollion. Nesse contexto, o autor começa a trabalhar a transliteração, que foi o método utilizado por Champollion para traduzir os hieróglifos. A transliteração será de grande valia para pensarmos em um manejo possível, no que diz respeito a esse fenômeno.

Como já foi dito acima, os FPS comportam um gozo específico; para pensarmos o que seria o gozo específico, primeiramente precisaremos nos perguntar o que é o gozo? Nesse contexto, utilizaremos *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* de Lacan, em que o autor vai trabalhar a questão do corpo enquanto algo que goza. Lacan ele chega a afirmar que o que podemos saber sobre o corpo é isso: que ele goza. Ajudou-nos no percurso dessa escrita alguns textos de Jacques-Alain Miller. Um deles trabalha sobre o conceito de gozo que está no livro *Recorridos de Lacan*. Esse texto faz parte das Conferências *Porteñas* e têm como título *Teoria de Los Goces*. O outro será retirado do texto *Algumas reflexões sobre os fenômenos psicossomáticos*, retirado do livro *Fenômeno psicossomático e psicanálise* de Jorge Wartel, no qual Miller, ao falar sobre os fenômenos psicossomáticos, trabalha na égide

do gozo específico, afirmando que nos fenômenos psicossomáticos tratar-se-ia de um gozo que retorna ao corpo, não concluindo assim seu destino esperado.

Para finalizar, utilizamos os textos *O seminário da Carta Roubada e Lituraterra* (de *O Seminário, livro 18*), de Lacan a fim de trabalharmos a relação entre fenômeno psicossomático e a letra, para podermos pensar a relação do fenômeno psicossomático com a escrita. Ingrid Ventura e Roseane Nicolau trouxeram uma grande contribuição sobre o fenômeno psicossomático e o escrito, articulando-o com a letra e a transliteração. Neste ponto do trabalho, retornamos ao livro de Jean Guir *A psicossomática na clínica lacaniana*, para traçarmos a diferença entre foraclusão generalizada, que é inerente à psicose, e foraclusão parcial que seria uma foraclusão que ocorre em alguns sítios do discurso, ou seja, localizado em alguns pontos do discurso, o que marca a possibilidade da diferença entre FPS e psicose.

Ao longo do nosso trabalho, iremos nos valer de duas dissertações que atravessarão nossa pesquisa como um todo. São elas *A escuta da psicanálise sobre a pele: uma abordagem da doença psicossomática*, de Teresa Facury, e *Do trauma ao fenômeno psicossomático: lidar com o sem sentido*, de Carolina Fonseca.

Agora é chegado o momento de preencher estas páginas em branco e escrever, derramar a tinta e colorir o papel com essas ideias que pululam em nossa mente sem cessar. O que acham? Vamos começar?

2 FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO: DA CAUSAÇÃO DO SUJEITO AO OBJETO A

2.1 Fenômeno psicossomático: uma leitura da medicina e da psicanálise

As questões relacionadas ao viver e morrer sempre causaram insegurança e medo nos seres humanos, que nunca se conformaram com a fatalidade da doença e sempre buscaram meios de combatê-la, seja através da crença religiosa ou pela via da medicina e da farmacologia. A medicina surge com a tentativa de dar respostas e criar terapêuticas para diminuir as dores, promover a cura e dessa forma tentar adiar a morte. (Fonseca, 2006)

O adoecimento é sempre percebido como algo que perturba a vida, causa medo e insegurança nas pessoas, pois é nesse momento que o véu da imortalidade cai e se presentifica algo que é inerente a todo ser vivo: a morte.

Psicanálise e medicina têm uma escuta diferente no que se refere ao adoecer. Enquanto para a medicina, o adoecer se dá porque alguma parte do corpo deixou de funcionar como deveria e, por isso, precisa ser consertada, atribuindo ao corpo um lugar de máquina, a psicanálise percebe o adoecer como algo inerente ao sujeito enquanto ser de linguagem e de desejo. Desde suas experiências com as histéricas, Freud tentou escutar algo além do teatro descrito pela medicina e percebeu que havia algo do desejo no sintoma daquelas mulheres. Desde seus primórdios, a psicanálise prioriza aquilo que a medicina rechaça, que é o corpo enquanto pulsional e erógeno.

O advento da Ciência motivou uma ilusória sensação de imortalidade no imaginário das pessoas, que passaram a acreditar na possibilidade de estarem imunes frente a qualquer tipo de doença. Todavia, existe uma forma de adoecer que escapa ao discurso médico e resiste ao tratamento: “debelam-se as crises, mas não se alcança a cura e a doença insiste” (Fonseca, 2006, p.10). Estamos diante de um fenômeno chamado “psicossomático”, daqui em diante denominado FPS.

O fenômeno psicossomático é caracterizado por ser uma doença de cunho orgânico que atinge o real do órgão, porém, não há aparentemente nenhuma bactéria, nenhum vírus que seja o causador do mal que assola o sujeito que sofre desse fenômeno.

Muitos profissionais se debruçam diante do FPS, tentando compreender, descobrir sua etiologia, todavia, o que ocorre na maioria das vezes é a insistência desse mal que persiste, resistindo a qualquer tipo de tratamento medicamentoso, como se pontuasse que existe algo além do organismo que precisa ser levado em conta.

O FPS é um adoecer mudo que angustia tanto pacientes quanto médicos. Os médicos,

com toda sua técnica, seus aparelhos de última geração, tentam apreender esse tipo de doença, todavia, a doença insiste, apontando que o saber médico não abrange tudo, que existe um limite também para a medicina.

O corpo é abordado de forma distinta pela medicina e pela psicanálise. A psicanálise aponta o corpo como algo que está relacionado com a linguagem, ao significante. Lacan, ao falar do corpo em um primeiro momento, o atribui ao imaginário e ao estágio do espelho, onde o *infans* adquire uma unidade corporal “por intermédio de uma imagem: a imagem do Outro, seu semelhante” (Quinet, 1988, p. 14). Porém, Lacan adverte que isso não é suficiente para dar conta da questão do corpo em psicanálise. O primeiro corpo é a linguagem, já nos dizia Lacan, “é corpo sutil, mas é corpo” (Lacan, 1953/1998b, p. 302). A psicanálise dá ao corpo um estatuto de corpo atravessado pela linguagem, corpo libidinizado, erógeno e que é lido pela psicanálise em três dimensões: imaginário, simbólico e real. Segundo Valas, citado por Fonseca: 2006, p. 32):

- a) o corpo real é constituído pela carne viva e sua pulsação de gozo, sendo considerado o Outro radical;
- b) o corpo simbólico é o corpo vazio, separado de seu gozo pelos significantes que se refugiam nas zonas erógenas. Esse corpo é representado pelo Outro do significante;
- c) o corpo imaginário é o que dá forma e consistência de corpo ao vivente antes de sua morte. (Valas *apud* Fonseca, 2006, p. 32)

Somente a linguagem pode atribuir ao ser vivente o estatuto de sujeito. O falo é apreendido como órgão privilegiado através da relação do corpo com a linguagem. É pela linguagem que o sujeito consegue encontrar a função de seus órgãos, “pois o falo é o significante que traz ao sujeito todos os efeitos de significação” (Quinet, 1988, p. 16).

Segundo Quinet (1988), a linguagem confere um corpo ao sujeito, porém, ela não garante a esse o estatuto de corpo vivo. Podemos utilizar o mesmo termo para falar tanto de um corpo vivo quanto de um morto. Exemplo: “Missa de corpo presente” e “ Maria tem um corpo bonito”. A linguagem mortifica o corpo, já nos advertia Lacan em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*; depois da inserção do significante, ocorre a exteriorização da libido através das zonas erógenas, e o que sobra de toda essa operação é denominado de conjunto vazio do corpo.

No que se revela que, quanto ao corpo, é secundário que ele esteja morto ou vivo [...]. Quem

não conhece o ponto crítico pelo qual datamos, no homem, o ser falante? – a sepultura, ou seja, o lugar onde se afirma de uma espécie que, ao contrário de qualquer outra, o cadáver preserva o que dava ao vivente: corpo. Permanece como *corpse*, não se transforma em carniça, o corpo que era habitado pela fala, que a linguagem *corpsifica*. (Lacan, 1970/2003b, p. 407).

O conjunto vazio do corpo está relacionado com os efeitos da incorporação da estrutura de linguagem. A linguagem mata o corpo, ocorrendo um rechaço do gozo ao exterior do corpo, que é representado pela localização do gozo não mais no corpo, mas nas suas bordas nomeado de zonas erógenas. “O conjunto vazio do corpo encontra-se povoado de significantes, é em consequência dessa exteriorização do gozo que podemos dizer que um significante representa um sujeito para outro significante” (Facury, 2011, p. 76).

A psicanálise não trata como equivalentes corpo e organismo. O corpo na psicanálise é algo construído, porém, para a medicina corpo e organismo se equivalem.

A medicina apreende o corpo em suas partes e suas patologias. O atendimento médico é constituído de questionários e exames, nesta situação, o sujeito é somente falado, não sendo levado em conta sua subjetividade, ele é apenas um pedaço de carne, que funciona como uma máquina e tem suas funções pré-determinadas pelo saber da ciência. Se algo deixa de funcionar nesse corpo máquina, o saber médico foca naquele problema, daquele órgão específico, e tenta criar terapêuticas a fim de fazer com que a enfermidade cesse e o corpo, ou sua parte “com defeito” volte a funcionar.

O que a medicina rechaça é que diante dela, existe um sujeito falante, que é atravessado pela linguagem, traumatizado, que contém um corpo erógeno que ao mesmo tempo sofre e goza.

Medicina e psicanálise percebem as patologias, entre elas o fenômeno psicossomático de formas distintas, isto, porém, não faz de uma superior a outra no que concerne à sua terapêutica, cada um tem sua individualidade, mas isso não impede que elas possam trabalhar juntas, são “saberes diferentes, porém, operações que pode se somar” (Fonseca, 2006, p. 230).

Existe uma área da medicina nomeada de medicina psicossomática, segundo Eksterman (2010), há uma diferença epistemológica no que diz respeito à medicina psicossomática e à psicanálise que deve ser considerada.

A medicina psicossomática surge segundo Trillat (1991), nos campos de batalha na primeira guerra mundial (1914-1918), a partir da descrição feita por T. Lewis de um conjunto de perturbações nomeadas como “síndrome de esforço”.

O tipo mais estudado é um conjunto de perturbações (aceleração do pulso e da respiração, dores pré-cordiais, hipersudação, fadigabilidade) descritas em 1918 por T. Lewis sob o nome de “síndrome de esforço”. Dentro do mesmo espírito, são igualmente descritos casos de hipertensão

arterial, perturbações digestivas, úlceras gástricas etc., devidas a fatores psicológicos (Trillat, 1991, p. 274).

Ávila (2002) afirma que a medicina psicossomática dá prosseguimento com Franz Alexander, em Chicago, e com Helen F. Dunbar, em Nova York. “ Alexander funda um grupo de trabalho, junto com Rappaport e F. Deutsch, na tentativa de aplicar os conceitos psicanalíticos para compreender o papel das emoções na causalidade das doenças” (Facury, 2011, p. 22).

Por medicina psicossomática compreende-se um estudo das relações mente-corpo com ênfase na explicação psicológica da patologia somática, “uma proposta de assistência integral e uma transposição para a linguagem psicológica dos sintomas corporais” (Eksterman, 2010, p. 93).

A psicanálise segundo Eksterman é uma psicologia em função do inconsciente, um método investigativo da mente e uma atividade terapêutica.

O FPS continua a insistir, pontuando que existe algo além do orgânico que deve ser levado em consideração. Lacan nunca priorizou o fenômeno psicossomático em seu ensino, não existindo assim nenhum seminário sobre o referido tema. Porém, em algumas brechas de seu ensino, na maioria das vezes através de perguntas feitas por seus alunos, abriu caminhos para pesquisas sobre o FPS. Iremos trabalhar com essas pontuações lacanianas, a fim de tentarmos compreender qual o lugar do fenômeno psicossomático na teoria psicanalítica de orientação lacaniana.

Nas páginas a seguir, iremos trabalhar as duas operações que têm como finalidade a causação do sujeito: a alienação e a separação. É de importância fundamental trilharmos esse caminho, pois os FPS são caracterizados por uma falha que ocorre na operação de alienação, impedindo que a operação de separação se efetue. Por isso nos dispusemos a percorrê-las passo a passo, pois achamos que essas duas operações são fundamentais na localização e discussão sobre os FPS.

2.2 Alienação e separação: as operações de causação do sujeito

No *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, de 1964, Lacan, introduziu duas operações para exemplificar como se dá a constituição do sujeito em psicanálise, às quais ele denominou “alienação” e “separação”. Iremos perpassar por elas ao longo deste capítulo.

2.2.1 Alienação: o significante e o advento do sujeito

Podemos dizer que o processo de alienação ocorre através do encontro do sujeito enquanto advir e da linguagem. Lacan, ao falar do sujeito pré-linguagem, o nomeia como a libra de carne: ele seria esse pedaço de carne que veio ao mundo sem nenhum conteúdo e que, através de seu encontro com o Outro, tem a possibilidade de surgir como sujeito do inconsciente.

É o campo do Outro, enquanto lugar do significante, que vai possibilitar a causação do sujeito, é lá que o sujeito se constitui, através do efeito da ação da linguagem sobre ele. Antes de ser efeito de linguagem, o ser que nasce só pode ser reconhecido como ser vivo, todavia, esse ser vivo só se tornará sujeito quando um significante o representar. O significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante. Através dessa afirmação de Lacan, entende-se que para que o sujeito possa advir, é necessário que ele esteja ligado ao significante, visto que é no intervalo entre dois significantes que o sujeito encontra uma brecha para surgir. A essa operação, que tem como ponto de partida o campo do Outro, Outro como significante, Lacan denominou alienação.

Ao falar da operação de alienação, Lacan adverte que aceitar se alienar é aceitar o sentido que vem do campo do Outro, porém, se trata de uma escolha forçada que comporta uma perda, um sem-sentido. Essa operação acarreta no sujeito sua divisão subjetiva: se por um lado ele aparece como sentido, por outro, ele é forçado a desaparecer como não-senso. É na operação de alienação que se apresenta o sujeito como sujeito dividido (\$), ou seja, ele só pode aparecer através da sua divisão, de sua perda enquanto sujeito alienado.

Enquanto a operação de alienação está relacionada ao significante e ao sujeito dividido (\$), a separação está relacionada com a falha no Outro, (\mathcal{A}), falha que há no intervalo entre os significantes, onde se dá a inscrição do desejo. É através de duas faltas, a do sujeito e a do Outro, que ocorrerá a operação de separação. Na separação, “o sujeito irá operar com a sua falta, resultante da primeira operação, para responder à falta no Outro” (Riaviz, 1998, p. 49). Como resultado dessa segunda operação temos o fechamento da causação do sujeito.

O que está em jogo nessas duas operações é o campo do sujeito e do Outro, onde elas se encontram em uma relação circular, porém, não recíproca, como nos adverte Lacan no *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*:

Aqui os processos devem, certamente, ser articulados como circulares entre o sujeito e o Outro – do sujeito chamado ao Outro, ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro, do Outro que lá retorna. Esse processo é circular, mas, por sua natureza, sem reciprocidade. Por ser

circular, é dissimétrico. (Lacan, 1964/1998c, p. 196.)

Como nos adverte Harari, (1990), a relação é circular, mas não recíproca, “uma vez que, no caminho de volta, o que se produz é a separação, própria do sujeito barrado” (Harari, 1990, p. 237). A respeito da não reciprocidade, existe uma heterogeneidade entre as duas operações, isto é, enquanto a operação de alienação está relacionada ao significante e ao sujeito dividido (\$), a operação de separação tem como consequência o Outro barrado (A) e a função do desejo. Em outras palavras, “a separação não é uma alienação negativa” (Riaviz, 1998, p. 49.). As duas operações são distintas, não há entre elas uma reciprocidade, cada uma trabalha com pontos diferentes, apesar de serem operações de causação do sujeito.

Esse movimento circular não recíproco é ilustrado por Lacan, através do símbolo da punção \diamond .

A punção foi trabalhada várias vezes por Lacan, para dar conta de algumas noções em psicanálise. As mais conhecidas são a fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$) e a da pulsão ($\$ \diamond D$). Lacan também a utiliza para ilustrar as duas operações que já vêm sendo trabalhadas neste capítulo, e que estão diretamente ligadas à emergência do sujeito.

A fim de discernirmos essas duas operações através da figura da punção, podemos pensar em uma operação de ida e vinda em um sentido inverso ao do ponteiro do relógio, como demonstra a Figura 1:

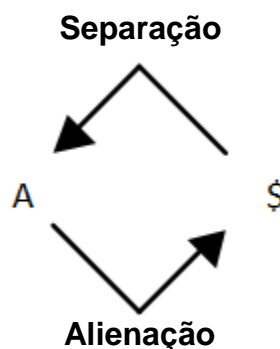


Figura 1: Punção com uma vetorização possível, como suporte para pensar as operações de alienação e separação
 Fonte: Harari, 1990, p. 238

Para trabalharmos as operações de alienação e separação, devemos situar à direita do losango o sujeito e à esquerda o Outro, já que é pelo campo do Outro que o sujeito aparece, e é pela divisão do sujeito dividido que se torna possível a ocorrência da operação de separação.

O vel da alienação é representado pela parte inferior do losango, que tem como resultado a divisão do sujeito. A parte superior do losango se refere à segunda operação, a separação, que promove o fechamento da causação do sujeito.

Por agora, iremos perpassar pela operação de alienação e seus desdobramentos, para tentarmos compreender como se dá o advento do sujeito em psicanálise. O advento do sujeito pode parecer uma coisa simples, mas com certeza não o é, e a forma como esse se dá na vida do sujeito pode acarretar alguns tipos de consequências, sobre as quais iremos falar mais adiante. Por enquanto, vamos nos ater à operação de alienação.

2.2.2 O sujeito não é causa sui

A primeira operação que tem como objetivo o advento do sujeito é a alienação. Ela emerge no campo do Outro e está intimamente relacionada ao significante, como já foi dito no início deste capítulo.

Em um primeiro momento da operação de alienação, há um sujeito em instância, isto é, um sujeito advir, que não é nada, porém, está na iminência de acontecer. O que podemos falar desse sujeito? Nada temos a falar sobre ele, a não ser que se trata de um ser, que não possui ainda a fala. (Riaviz, 1998).

Antes do nascimento de uma criança, já existe uma cultura, uma linguagem pré-determinada. Quando um casal descobre que está por vir uma criança, eles já falam sobre esse ser em potencial, já lhe atribuem significantes. “ Antes de vir ao mundo já lhe dão um nome, um sexo, um time de futebol, uma profissão; ele já nasce em uma determinada classe social, com seus valores e preconceitos e num país com sua cultura e sua língua” (Quinet, 2012, p. 27-28). Todos esses significantes, de um certo modo, antecipam o futuro do ser que irá nascer. Ao falar desse futuro sujeito, os pais, a sociedade, a cultura, o colocam em uma “cadeia simbólica que lhe oferece a única via possível para advir sujeito” (Riaviz, 1998, p.55).

Talvez eu devesse ressaltar o fato de que o Outro precede o sujeito. O Outro como lugar da linguagem – o Outro que fala – precede o sujeito e fala sobre o sujeito antes de seu nascimento. Assim, o Outro é a primeira causa do sujeito. O sujeito não é uma substância: o sujeito é um efeito do significante. O sujeito é representado por um significante, e antes do surgimento do significante não existe sujeito. Mas o fato de não existir sujeito não quer dizer que não exista nada, porque pode existir um ser vivo, mas esse ser vivo se tornará um sujeito somente quando um significante o representar. Logo, antes do surgimento do significante, o sujeito é nada. (Soler, 1997a, p. 56)

O significante é a causa do sujeito. Conforme já dizia Lacan, no seu escrito sobre O Inconsciente, no Congresso de Bonneval de 1960, não é o simples fato de viver que atribui ao

ser um estatuto de sujeito. É necessário o campo do Outro, enquanto tesouro do significante, para que o sujeito possa surgir, através da hiância, da brecha, do intervalo que ocorre, entre os dois primeiros significantes da cadeia S1 e S2, na medida em que o significante o representa para um outro significante. Sendo assim, não podemos dizer que o sujeito é causa de si mesmo, visto que quem o causa é o significante que vem do campo Outro e o dá a possibilidade de surgir através da linguagem.

O efeito de linguagem é causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo, mas traz em si o germe da causa que o cinde. Pois sua causa é o significante, sem o qual não haveria nenhum sujeito no real. Mas esse sujeito é o que o significante representa, e este não pode representar nada senão para um outro significante: ao que se reduz, por conseguinte, o sujeito que escuta. (Lacan, 1998e, p. 849).

Já dizia (Lacan 1998e, p. 849): “Com o sujeito, portanto, não se fala. Isso fala dele”. Isso significa que antes que possa falar, o ser vivente já é falado pelo Outro, e é essa fala que irá colocá-lo como um sujeito em potencial. A fala do Outro faz com que o ser vivente passe da demanda ao significante. É através do choro, do grito, que o Outro, na maioria das vezes representado pelos pais ou pelo cuidador, vai tentando compreender, e com isso, vai atribuindo um sentido aquele ruído. É esse sentido, esse significante que vem do Outro, que vai capturando a criança, fazendo com que ela aos poucos vá se inserindo no mundo da linguagem, linguagem essa que a aliena, sendo essa a única saída do sujeito, segundo Soller (1997, p. 62): “A alienação é o destino. Nenhum sujeito falante pode evitar a alienação. É um destino ligada à fala. Mas a separação não é o destino. A separação é algo que pode ou não estar presente.”

É a ação do significante a responsável pelo aparecimento de um sujeito, onde só havia um mero vivente. Onde somente estava prometido que podia haver um sujeito, o significante determina, efetivamente, o surgimento do mesmo. A prioridade, não cabe dúvida alguma, está situada no campo do Outro. (Harari, 1990, p. 229)

2.2.3 Afânise do sujeito

A afânise é caracterizada por um fator letal, a coagulação ou a petrificação do sujeito através da ação do significante (Riaviz, 1998). O significante mata a Coisa; quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading*, como desaparecido. Como nos adverte Lacan: “Não há sujeito sem, em alguma parte, afânise do sujeito, é nessa alienação, nessa divisão fundamental, que se institui a dialética do sujeito”. (Lacan, 1998c, p. 209).

Esse desaparecimento se dá através do significante binário S2, é no nível do segundo significante que o sujeito desvanece. Para poder ser representado por outro significante, o sujeito paga com seu desaparecimento. É preciso que ocorra a afânise para que o sujeito possa aparecer, e isso só é possível através de ou entre dois significantes.

O efeito da afânise que se produz sob um dos dois significantes está ligado à definição – digamos, para empregar a linguagem da matemática moderna – de um conjunto de significantes. É um conjunto de elementos tal que não existem, apenas – como se diz na teoria, com um E maiúsculo invertido para a notação – dois, o fenômeno da alienação se produz - a saber, que o significante é o que representa um sujeito para o outro significante. De onde resulta que no nível do outro significante, o sujeito se desvanece. (Lacan, 1998c, p. 223)

Quando o sujeito é atravessado pelo significante que vem do Outro, ele aceita ser representado por significante. A condição de perda marca o ser vivo. Para surgir, ele é forçado a deixar algo do seu ser em seu ponto de partida, tornando-se assim, um sujeito sexuado, inserido na linguagem, alienado. Essa perda é característica de todo ser falante, o significante divide o sujeito, e o que caracteriza essa divisão do sujeito é o *fading*, a afânise. Ao aceitar o sentido, o sujeito aceita petrificar-se através do primeiro significante da cadeia, o S1. O sentido só existe através de uma parte de não sentido, de uma parte que é perdida. Podemos exemplificar isso dizendo que não existe um sentido completo em tudo o que dizemos, que a fala não abrange os sentidos, que sempre existe um mal-entendido, e é esse o preço que o sujeito paga ao ser capturado pelo significante. Segundo Harari, 1990, p. 238:

... o sujeito nasce na cultura por meio da ação significante, que lhe outorga a única vida possível para o falante e, ao mesmo tempo, lhe presentifica - enquanto fator letal - a morte. É que em última instância, o sujeito aparece ao preço de uma desapareção... Não é nada agradável porque obriga a pensar que o sujeito não está alienado por haver extraído algo de si, senão que esse é o preço para formar parte do rebanho.

Por o sujeito estar inserido na linguagem, ele paga o preço de desaparecer, e só consegue surgir enquanto dividido, faltando um pedaço. Temos que perder algo do ser para recebermos o sentido que vem sempre do campo do Outro. É no campo do Outro que o sujeito é forçado a aparecer, através de sua fenda, de sua divisão. “O que é que o sujeito – após alienação “obterá” do Outro? Precisamente a possibilidade de ser sujeito. Se obtém o ser, o será enquanto sujeito barrado.” (Harari, 1990, p. 240). O sujeito só é autorizado a aparecer enquanto faltoso, dividido, ele precisa abrir mão de uma parte do seu ser, para formar parte do rebanho.

Segundo VÍctora (2006), o termo afânise vem de *phanos*, que significa luminoso. *Phania* significa intensidade de luz, *aphanisis*, apagamento, referente ao brilho de uma

estrela. No dicionário Aurélio, segunda edição, temos o significado: “Escuro, obscuro, não aparente, oculto”. Outros autores, inclusive Lacan, atribuem ao termo afânise o significado de desaparecimento.

Lacan retira o termo afânise de Ernest Jones, todavia, nos adverte que a forma com que Jones toma o termo é bastante absurda. Ernest Jones¹ usa o termo para designar um suposto medo do sujeito de não ter desejo.

Jones vai tentar compreender a fase fálica e as dificuldades e obscuridades concernentes aos primeiros estágios de evolução feminina, em comparação com o desenvolvimento masculino, através do termo afânise do desejo. Segundo Chatelard (2001), Jones assemelha, coloca como equivalentes, os termos afânise e castração. Sua tese é formulada da seguinte maneira: “ se o medo da castração é a base de todas as neuroses, então sua significação real é a afânise, isto é, a abolição total e permanente da capacidade de gozar.” (Chatelard, 2001, p.2)

O que Ernest Jones defende é que a afânise do desejo ocorreria em ambos os sexos, todavia, de formas distintas no homem e na mulher.

Na perspectiva de Jones, o homem deseja obter uma satisfação em um ato, porém, ele não o ousa por temer que esse ato seja seguido do castigo de afânise, da castração, o que teria como significação a abolição do desejo sexual. (Chatelard, 2001)

Na mulher, o processo se daria de uma forma mais complexa: a mulher desejaria obter uma satisfação por intermédio de uma experiência, salvo por sua natureza passiva, porém, a simples enunciação desse desejo ou a demanda de obter satisfação através de uma experiência faz com que ela sinta culpa. “Esse sentimento de culpa é explicado pelo medo de que tal satisfação seja seguida de uma afânise”. (Chatelard, 2001, p. 2). Entendendo-se aqui por afânise o desaparecimento total do desejo, do gozo.

Lacan, muito tempo depois, irá retomar esse termo, porém, com uma leitura completamente distinta.

¹ De acordo com Chatelard (2001), Ernest Jones utilizou pela primeira vez a expressão afânise, em uma conferência pronunciada em Innsbruck, no X Congresso Internacional de Psicanálise, em 1º de setembro de 1927. Tal conferência, que tem como título *O desenvolvimento precoce da sexualidade feminina*, tem como contexto uma discussão acerca da sexualidade feminina, mais precisamente, da fase fálica. O questionamento apresentado por Jones nessa discussão está relacionado com sua experiência pessoal, de ter tido a oportunidade de atender cinco casos de homossexualidade feminina. Partindo dessas experiências, ele formula as seguintes questões: Qual o fator que distingue o desenvolvimento de uma mulher homossexual de uma mulher heterossexual? Assim que a menina experimenta o sentimento de que já foi castrada, qual o acontecimento futuro imaginário que pode dar origem a um medo proporcionado pela castração? Na tentativa de responder a esses dois questionamentos, Jones vai tentar compreender a fase fálica e as dificuldades e obscuridades concernentes aos primeiros estágios de evolução feminina, em comparação com o desenvolvimento masculino, através do termo afânise do desejo.

Um analista percebeu isso, num outro nível, e tentou significá-lo num termo que era novo e não foi depois jamais explorado no campo da análise – a afânise, o desaparecimento. Jones, que a inventou, a tomou por algo bastante absurdo, o medo de ver desaparecer o desejo. Ora, a afânise deve ser situada de maneira mais radical nesse movimento de desaparecimento que qualifiquei de letal. De outro modo ainda, chamei esse movimento de *fading* do sujeito. (Lacan, 1998c, p. 197)

Lacan também utiliza o termo *fading*, para significar essa queda, esse desaparecimento, esse fator letal, que já mencionamos acima. O *fading* é a condição de eclipse, de queda, de desvanecimento. Todavia, não é alguém que desaparece, o que desaparece é uma parte do ser do sujeito, e é essa parte desaparecida que dá a possibilidade do advento do sujeito, esse não sendo nada mais do que o produto, o efeito, da divisão significante.

Ao falar sobre a indução significante do sujeito, Lacan a atribui de acordo com o vel da alienação. Esse vel, como já foi dito anteriormente, é representado pela parte inferior da punção \diamond , e tem como objetivo a entrada do sujeito na linguagem a partir de uma escolha que acarreta uma perda. Iremos perpassar pelo vel da alienação para tentarmos compreender por que Lacan precisou articulá-lo com a teoria dos conjuntos e a lógica simbólica.

2.2.4 Vel da alienação

No *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan se apoia na lógica das classes ou álgebra de classes, usando os círculos de Euler² para representar as relações do sujeito e do Outro.

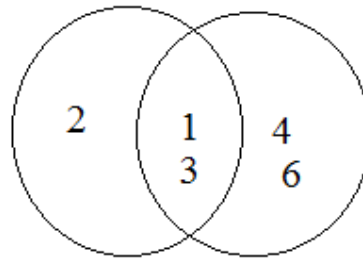
Através do diagrama de Euler ou círculos de Euler, podemos trabalhar duas formas de operações entre conjuntos: a união (ou reunião) e a intercessão.

Para trabalhar a operação de alienação, Lacan optou por utilizar a operação de união; ao falar da separação, ele utilizou a operação de intercessão.

Nesta parte do trabalho, iremos falar sobre a alienação e a operação entre conjuntos denominada união.

² Segundo Eves (1995), Leonhard Euler foi um suíço que nasceu na Basileia em 1707. Depois de cogitar uma carreira no campo da teologia, encontrou sua verdadeira vocação na matemática. Foi assim que seu pai, que também tinha uma inclinação para a matemática, ajudou-o, ensinando-lhe os fundamentos da matéria. O pai, que estudou com Jakob Bernoulli, conseguiu que o filho fosse estudar com Johann Bernoulli. O dispositivo conhecido como diagrama de Euler, que é usado como teste de validade de raciocínios dedutivos, foi dado por Euler em uma de suas cartas à princesa Phillipine Von Schwdt. Durante a guerra dos sete anos (1756 – 1763), toda a corte berlinense mudou-se temporariamente para Magdeburg e nesse período, ele, de sua casa em Berlim, dava aula por correspondência para a princesa. O interesse de Euler não se limitava à matemática. Era um erudito autêntico, estendendo seus conhecimentos á astrologia, medicina, botânica, química, teologia e às línguas orientais.

Manoel Paiva, em seu livro Matemática Paiva (2009), ensina que a união, caracterizada pela união de dois conjuntos, A e B, indicada por “ $A \cup B$ ”, consiste no conjunto cujos elementos são todos aqueles que pertencem a A ou a B. Conforme demonstra a Figura 2:



$$\begin{aligned} A &= \{1, 2, 3\} \\ B &= \{1, 3, 4, 6\} \\ A \cup B &= \{1, 2, 3, 4, 6\} \end{aligned}$$

Figura 2: Operação de união

Fonte: Riaviz, 1998, p. 59

Reunir ou unir os conjuntos não equivale a adicioná-los; os elementos pertencentes aos dois conjuntos não se somam, são apenas um. Se o conjunto A tem três elementos, o B tem três e A e B tem três, logo, $A \cup B$ tem cinco elementos e não sete, pois o mesmo elemento pertencente aos dois conjuntos equivale a apenas um elemento, mesmo pertencendo aos dois.

Lacan, ao fazer operar o vel da alienação sobre a forma lógica da união, o faz partindo do princípio de que na união existem elementos em comum que se subtraem como no vel da alienação, que tem como ponto principal a perda: é preciso perder algo para poder advir como sujeito. Em outras palavras, tanto na alienação como na união, é sempre preciso se subtrair algo.

Lacan utiliza os círculos da operação de conjuntos para representar o campo do sujeito e do Outro (Figura 3):

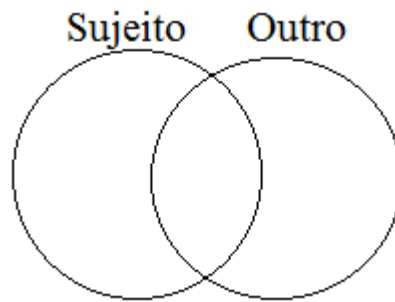


Figura 3: O sujeito e o Outro na operação de união
Fonte: Riaviz, 1998, p. 59

Segundo Riaviz (1998), com o objetivo de representar a operação de alienação, Lacan utiliza a fórmula lógica da reunião para fazer funcionar o vel e recorre à lógica simbólica para definir o que é o vel da alienação. Para falar sobre a lógica simbólica³, recorreremos ao texto de Irving Copi, *Lógica simbólica*, e à dissertação de Vanessa Riaviz (1998), denominada *Alienação e separação: a dupla causação do sujeito*.

Na lógica simbólica, os enunciados são divididos em duas categorias: simples e compostos. Existem três tipos de enunciados compostos, são eles: conjunção, negação e disjunção. Lacan, para falar sobre o Vel da alienação, utilizou os enunciados compostos através das disjunções inclusivas e exclusivas. Iremos trabalhá-las a seguir.

A disjunção está dividida entre inclusiva e exclusiva. Ela é formada pela introdução da palavra “ou” entre dois enunciados. Esses dois enunciados separados pela palavra ou são chamados de disjuntivos. A palavra ou contém dois significados distintos, esses dois significados são o que diferenciam quando uma disjunção é inclusiva ou exclusiva.

A disjunção inclusiva está relacionada com o ou inclusivo, seu sentido é: “um ou outro, possivelmente ambos” (Copi, 1978, p. 229). Ex: “João deve ser inteligente ou rico”, o ou na frase não exclui a possibilidade de que ambas as afirmações sejam verdadeiras, João pode ser inteligente e rico. Uma disjunção inclusiva é verdadeira se um dos seus disjuntos ou os ambos forem verdadeiros, só é falsa se os dois disjuntos forem falsos.

A palavra ou vem do latim e exprime dois significados distintos: vel e aut. A palavra *vel* é usada para expressar a disjunção inclusiva, enquanto a palavra *aut* corresponde à disjunção exclusiva⁴. (Riaviz, 1998)

³ A lógica simbólica é caracterizada por símbolos e notações especiais que criam uma espécie de linguagem simbólica artificial. Ela serve para evitar dificuldades que a linguagem comum pode acarretar, devido a sua natureza vaga e equívoca, que pode gerar um problema referente à validade ou invalidade dos argumentos. Copi (1978) nos adverte que outro valor da lógica simbólica consiste na ajuda que proporciona no uso e manipulação de enunciados e argumentos.

⁴ Se “p” e “q” forem dois enunciados quaisquer, a sua disjunção inclusiva seria descrita assim: “p v q”. “V”

Lacan, ao fazer uso da lógica simbólica para trabalhar a operação de alienação, nos adverte que existem três vel, um inclusivo, outro exclusivo e um terceiro vel, articulado por ele, que o qualifica como uma “escolha forçada”:

- a) exclusivo (ou...ou...);
- b) inclusivo (ou);
- c) da alienação (nem um nem outro).

O vel da alienação implica que na escolha entre dois termos, se escolhe um, e sempre o mesmo, e essa escolha sempre acarretará a perda do outro termo. Não se tem a opção de escolher um dos dois, é uma escolha forçada, pois elimina-se sempre um termo, e sempre o mesmo, independente da escolha que se faça.

O vel da alienação se define por uma escolha cujas propriedades dependem do seguinte: que há na reunião, um elemento que comporta que, qualquer que seja a escolha que se opere, há por consequência um *nem um, nem outro*. A escolha aí é apenas a de saber se a gente pretende guardar uma das partes, a outra desaparece em cada caso. (Lacanc, 1998c, p.200.)

Ao tratar da operação de alienação, Lacan a ilustra através do questionamento “a bolsa ou a vida”. Ele traz esse exemplo para mostrar que só há uma escolha sobre o vel da alienação, pois “se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem bolsa, uma vida decepada. ” (Lacan, 1998c, p. 201).

também é um operador-funcional-de-verdade.

Iremos utilizar a tabela-verdade para expressar as disjunções inclusivas.

p	q	p v q
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

A disjunção exclusiva, que é representada pelo ou enquanto *aut*, significa “pelo menos um e no máximo um” (Copi, 1978, p., 229): elegendo-se um enunciado, automaticamente exclui-se o outro. A disjunção exclusiva nos afirma que pelo menos um dos enunciados é verdadeiro, mas não ambos. Se p e q forem dois enunciados quaisquer, então a disjunção exclusiva seria descrita assim: $p \# q$.

Podemos expressar a disjunção exclusiva, através da tabela-verdade:

p	q	p # q
V	V	F
V	F	V
F	V	V
F	F	F

Lacan utiliza mais dois exemplos para poder falar sobre o vel da alienação, são eles: “a liberdade ou a vida” e “a liberdade ou a morte”. Ele nos adverte que o segundo exemplo, a liberdade ou a morte, se demonstra um pouco diferente dos outros dois, pois coloca em evidência a questão da morte. Esse exemplo coloca *in loco* “o fator letal que é essencial ao vel da alienação” (Riaviz, 1998, p. 62). Nesse contexto, a única saída para se ter a liberdade seria a liberdade de morrer, escolher a morte para se obter a liberdade.

De acordo com Harari (1990), quando Lacan traz a questão da liberdade, não o faz no sentido ingênuo, porquanto, está pensando em termos da falta que funda o sujeito dividido, se “refere à liberdade de operar com sua própria falta, e assim tratar de perceber a falta no Outro” (Harari, 1990, p. 244). Ao falar sobre a manobra existente na separação, Harari (1990) faz uma comparação com o suicídio, afirmando que a única liberdade do sujeito é a “liberdade de e para morrer”. (Harari, 1990, p. 245).

A partir do exemplo “a bolsa ou a vida”, Colette Soler (1997b), propõe uma tabela-verdade para o vel da alienação (Figura 4):

Bolsa	Vida	Vel de “escolha forçada”
V	V	F
V	F	F
F	V	V (nossa única escolha)
F	F	V

Figura 4: Tabela-verdade para o vel de alienação
Fonte: Soler, 1997b, p. 60

Soler (1997b), ao comentar a tabela-verdade do vel da alienação, nos afirma que ao ser questionado sobre a bolsa ou a vida, não se pode escolher a bolsa, pois escolhendo a bolsa, a vida se torna falso. Por isso, quando somos colocados diante dessa questão, só temos uma escolha a fazer, que é obviamente a vida, tornando assim a vida (verdadeiro) e a bolsa (falso); como nos demonstra o quadro acima, essa é a única escolha possível para o ser falante. Pode existir outra possibilidade, que é a última do quadro: tem-se a possibilidade de perder as duas. Podemos dizer que essa escolha, a última do quadro, está relacionada com a escolha pela petrificação, que acarreta a holófrase. Iremos discutir essa possibilidade mais adiante, ainda neste capítulo.

Para que o vel da alienação seja verdadeiro, é necessária a escolha pela vida, e que se viva uma vida pela metade, sem a bolsa (Figura 5):



Figura 5: Vel da alienação representado pelo exemplo de Lacan (“a bolsa ou a vida”)
Fonte: Lacan, 1964/1998c, p. 201

Como se percebe no desenho a cima, ao se escolher a vida só é possível tê-la decepada, cortada, partida, uma vida pela metade. Lacan coloca que a escolha possível é “nem um nem outro”, pois se perde a bolsa, e a vida, não é mais a mesma: ao se perder a bolsa, se perde também algo da vida. A saída para esse impasse é ter que conviver com uma vida dividida, é ser um sujeito dividido pela ação do significante.

No vel da alienação, destacam-se dois termos que são essenciais para compreendermos porque o sujeito só pode surgir através de seu desvanecimento, de seu desaparecimento. Ao falar do sujeito, sempre nos referimos à perda como algo essencial para o seu advento. Por que é preciso perder algo para sermos reconhecidos como sujeitos? Lacan considera como ponto crucial no advento do sujeito no nível da alienação os termos “sentido” e “não-senso” (Figura 6).



Figura 6: O ser, o sentido e o não-senso
Fonte: Soler, 1997b, p. 61

Diante da alienação, o sujeito tem duas saídas: “Ou escolhe petrificar-se num significante ou deslizar pelo sentido” (Soler, 1997b, p. 61). Essas são as duas escolhas possíveis do sujeito diante do Outro.

Escolhendo a petrificação, o ser desaparece, cai no não-senso; ao escolher o sentido, a primeira coisa que ocorre é uma perda de sentido, um ponto de sem-sentido que é eminente ao significante, “quando de algum modo o sentido se realiza em um sujeito em virtude do campo

do Outro, deixa caída no caminho uma região de sem-sentido.” (Harari, 1990, p. 241)

Na operação de alienação, ao escolher o sentido, ou seja, se alienar através da linguagem, o sujeito só pode fazê-lo perdendo algo do seu ser. O significante produz o sentido, porém, só é possível ao sujeito aparecer através de uma divisão: ao aparecer de um lado como sentido, parte de seu ser desaparece.

Não existe um sentido pleno no que diz respeito ao ser falante, o que o constitui é justamente uma perda, uma perda de sentido. Essa parte de não-senso é o que inaugura o que chamamos de inconsciente (Riaviz, 1998, p. 66). O inconsciente é estruturado como uma linguagem, já dizia Lacan. É a partir da indução significante que o inconsciente encontra uma brecha para surgir, através dessa perda, dessa parte de não-senso que escapa à linguagem, porém, para que exista essa brecha, é preciso que outro significante surja, o S2, ou significante binário. Para que isso ocorra, é necessário que o sujeito escolha pelo sentido e que o primeiro significante caia no não-senso, seja eclipsado. Assim, a partir do intervalo entre os dois significantes da cadeia, o inconsciente encontra um lugar para surgir e o sujeito encontra uma brecha para existir.

Dessa forma se caracteriza a operação de alienação, a queda do significante unário no não-senso. Lacan nos adverte que o sujeito se constitui através da queda desse significante unário, que cai sob o recalque primário e “constitui o núcleo do inconsciente, sendo puro sem-sentido, a-semântico” (Riaviz, 1998, p. 67). Não existe um sentido pleno no que toca ao ser falante, pois este é constituído através de uma perda de sentido. Por isso, na linguagem sempre haverá troços, mal-entendidos. A linguagem não consegue abranger o sentido como um todo, ela é sempre dividida, faltando um pedaço.

De certa maneira, está aí um dos tempos de constituição do sujeito. No que o significante primordial é puro não-senso, ele se torna portador da infinitização do valor do sujeito, de modo algum aberto aos sentidos, mas abolindo todos, o que é diferente. É isso que explica que eu não tenha podido manejar a relação de alienação sem fazer intervir a palavra liberdade. O que funda com efeito, no senso e não-senso radical do sujeito, a função da liberdade é propriamente esse significante que mata todos os sentidos. (Lacan, 1998c, p. 238)

Pensando o sentido como algo incompleto que não abrange a tudo e deixa sempre uma lacuna, lembramos que ele emerge no campo do Outro; assim sendo, seria o Outro um ser completo, Já que ele também é tocado pela linguagem? É isso que iremos discutir no nosso próximo tópico ao falarmos na operação de separação.

2.2.5 Separação: O Outro (A) e a dimensão do desejo

Ao falar sobre a operação de alienação, Lacan a caracteriza através da fórmula da união, ressaltando pelo vel da alienação o fator letal que é eminente dessa operação. Ele faz essa escolha para demonstrar a questão da subtração que é própria tanto da reunião como da alienação.

A separação ocorre de uma forma um pouco diferente. Se na alienação, o que se anula são os elementos em comum entre dois conjuntos, na separação o que está em jogo são justamente esses elementos. Na teoria dos conjuntos, a essa operação é dado o nome de interseção.

A interseção, segundo Paiva (2009), é o conjunto cujos elementos são todos aqueles que pertencem a A e a B, representado pelo símbolo $A \cap B$ (Figura 7).

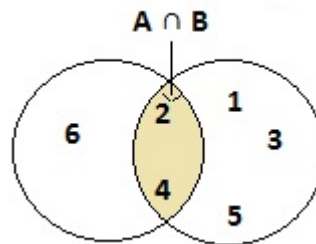


Figura 7: Operação de interseção
 Fonte: Paiva, 2009, p. 14

Lacan utiliza a interseção de uma forma um pouco diferente. Ele ressalta que a interseção articulada na operação de separação é formada pelos elementos comuns entre o sujeito e o Outro. O que há de comum entre os dois “é que em ambos falta um significante que dê conta de representá-los” (Sirelli, 2010, p. 55), e é preciso dois significantes para que possa ocorrer a representação do sujeito, portanto, o que há em comum entre o sujeito e o Outro é a falta.

Soler (1997b) afirma que o Outro implicado na separação não é o Outro implicado na alienação. É um outro aspecto do Outro, “ não um outro cheio de significantes, mas ao contrário, um Outro a que falta alguma coisa” (Soler, 1997b, p.63). O Outro enquanto faltante é aquele que não porta um saber sobre a verdade do sujeito. Ele também foi constituído através de um Outro, e por isso também é dividido. A linguagem ao mesmo tempo em que dá a única via possível para se tornar sujeito, o divide, fazendo com que ele seja somente um sujeito representado por dois significantes. O significante não fornece a via para um sentido

completo e absoluto, muito pelo contrário, é justamente isso que se perde ao aceitar se alienar; a linguagem não recobre tudo, ela é marcada pelo mal-entendido.

Na alienação, o sujeito pega um significante que é do Outro, que se torna comum ao sujeito e ao Outro, porém, se o sujeito permanecer somente com esse primeiro significante (S1), seu destino será a petrificação. Então, é preciso articular esse S1, com um segundo significante, S2, para que possa ocorrer o deslizamento sobre o sentido. Esse deslizamento acarreta a divisão do sujeito entre dois significantes, de modo que o sujeito não é todo representado por nenhum significante, estando sempre em deslizamento, através do intervalo entre dois significantes. (Sirelli, 2010)

De acordo com Sirelli (2010), o Outro não é apenas “tesouro do significante”, ele é também faltoso, barrado - é no intervalo entre os significantes que surge o sujeito, mas que também desloca-se o desejo, é assim que “o sujeito experimenta neste intervalo, uma Outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido” (Lacan, 1998e, p.858).

A operação de separação tem como pontos de partida o Outro barrado (\bar{A}) e o desejo.

Como já foi dito acima, a fala não recobre tudo e é aberta ao mal-entendido. É justamente nessa lacuna do discurso do Outro que o sujeito percebe que existe algo que a linguagem não consegue articular, é no além da fala do Outro que o sujeito começa a se perguntar: “Ele fala isso, mas afinal o que ele quer?” Através dessa pergunta o sujeito procura localizar algo da ordem da falta. Não existe uma resposta unívoca para esse questionamento, sempre fica um resto que não é articulado, não é articulável. É nessa lacuna que o sujeito vai tentando apreender o que falta ao Outro, na eminência de ser o objeto que irá recobrir essa falta, essa lacuna. Nas palavras de Lacan:

Aquilo pelo quê o sujeito encontra a via de retorno do vel da alienação é essa operação que chamei, outro dia, separação. Pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essencial alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, com o primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos, para ilustrá-lo, a mãe, no caso. É no que o seu desejo está para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito. (Lacan, 1998c, p. 207).

Os porquês infantis são provas disso. No *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan diz que os porquês infantis nada mais são do que a tentativa da criança de apreender algo que não cola no discurso do Outro. Esse ponto do desejo que não passa à fala demonstra para a criança que ao Outro também falta algo, que o Outro também é incompleto, e se lhe falta algo, a criança pensa poder completá-lo. Os

porquês infantis vêm na tentativa de apreender o que o Outro quer de mim, para tentar recobrir essa falta. Nas palavras de Lacan:

Nesse intervalo cortando os significantes, que faz parte da estrutura mesma do significante, está a morada do que, em outros registros de meu desenvolvimento, chamei metonímia. É de lá que se inclina, é lá que desliza, é La que foge como o furão, o que chamamos desejo. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro, e todos os *por quês?* da criança testemunham menos de uma avidez da razão das coisas do que constituem uma colocação em prova do adulto, um *por que será que você me diz isso?* Sempre re-suscitado de seu fundo, que é o enigma do desejo do adulto. (Lacan, 1964/1998c, p. 203)

Na tentativa de apreender o que está no intervalo do discurso do Outro, a criança demonstra na verdade, uma preocupação em saber qual lugar ela ocupa na vida do Outro, representado aqui na maioria das vezes pelos pais. Seus porquês, suas indagações, nada mais são do que uma tentativa de estar no intervalo dos discursos ocupando esse lugar de desejo. Todavia, essa tentativa é sempre fracassada, pois a palavra sempre fracassa, e a única via para almejar compreender algo do desejo é através da fala. Nas palavras de Soler (1997b, p. 63): “Na intercessão entre o sujeito e o Outro há uma falta, uma lacuna. O que é essa falta no Outro? É o que Lacan chama de desejo. Mas por que o desejo tem que necessariamente aparecer na falta? Porque há uma impossibilidade na fala: a impossibilidade de dizer o que se quer.”

É através dessa impossibilidade de apreender algo do desejo que a criança com os seus porquês coloca em jogo um primeiro objeto, que é a sua própria falta, porém, localizada no Outro. O modo encontrado para reportar a própria falta como pertencente ao campo do Outro é formulado com a seguinte pergunta: “- Pode ele me perder?”

Através desse questionamento, podemos perceber que a operação de separação está relacionada com o recobrimento de duas faltas. O sujeito trabalha sua própria falta, respondendo ao desejo do Outro com sua ameaça de desaparecimento através da pergunta acima. É o caso da anorexia mental, em que “a criança responde a demanda de sua mãe em alimentá-la não comendo nada. É uma tentativa radical de fazer falta no Outro”. (Riaviz, 1998, p. 71). Segundo Harari (1990), essa fantasia é habitualmente possuída pelas crianças, por acreditarem ser passada a melhor vida de seus pais, “o que é uma fantasia relacionada com a separação” (Harari, 1990, p. 250).

Lacan, em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, faz uma série de associações com a palavra separação. Ele recorre ao latim *separare*, separada, escandida, daí passa para o *se parare*, em francês, *se parer*, que significa tanto vestir-se como por em guarda. Utiliza-se do latim novamente para expor outro equívoco

através de *separere*, daí *se parere*, o que está relacionado com parir-se, engendrar-se. Lembremos, como foi dito no início deste capítulo, que o sujeito não é causa de si, portanto, não devemos confundir engendrar-se com autoengendramento.

A parte não é o todo, costuma-se dizer, só que geralmente sem pensar. Pois seria preciso acentuar que, com o todo, ela nada tem a ver. É preciso tomar partido nisso; ela joga a sua partida sozinha. Aqui, é por sua partição que o sujeito procede a sua parturição. E isso não implica a metáfora grotesca de que ele se dê à luz novamente. (Lacan, 1964/1998c, p. 857).

Separere significa dar um filho ao marido. Lacan faz esse trocadilho para dizer que na operação de separação, o sujeito pode se proporcionar um estado civil. Ter um estado civil significa que na separação o sujeito deixa de ser somente falado e se livra do efeito afanísico do significante que ocorre na operação de alienação. Harari assevera que o objetivo da separação é jogar com esses significantes, porém, com o objetivo de produzir novos efeitos e que estes sejam efeitos inesperados.

Na problemática da separação, ao se perguntar o que o Outro quer de mim, o sujeito traz uma nova dimensão, diferente da alienação, que é a dimensão do objeto pequeno a.

Na separação, como já foi dito anteriormente, duas faltas se recobrem. Iremos articular o que seriam essas duas faltas e porque a via da separação está relacionada à falta e à questão do desejo.

De acordo com Sirelli (2010), essas duas faltas podem ser apresentadas assim: a primeira falta está relacionada à perda do ser, o que significa que o sujeito não tem algo que o represente, visto que o seu surgimento só é possível via desaparecimento; a segunda é uma perda relacionada ao objeto, que traz consigo a dimensão do querer, colocando o sujeito na dimensão do desejo. Segundo Souza:

[...] é uma perda que, para ser efetiva, convoca o trabalho do sujeito e exige um querer: ele não só tem que perder – também aqui há uma perda *a priori*, perda de vida, própria a todo vivo sexuado -, mas tem que consentir em perder algo de seu. Algo que fazia *um* com o seu corpo, esse algo ele tem que consentir em que se torne parte, parte que se perde. E além de consentir em perder algo que era seu, ele tem que querer recuperar a perda, isto é, positivá-la, torná-la algo com o qual ele possa fazer alguma coisa. É assim que, ao perder e recuperar essa perda, o sujeito se fará parte, tomará parte do jogo cuja partida jogará com o Outro. Lacan batizou essa perda com o nome de separação. [...]. Isso que o sujeito perder Lacan nomeou [...] objeto a. (Souza, 2005, p. 19-20)

Só é possível vislumbrar a dimensão do desejo através da extração de um objeto que é perdido desde sempre e para sempre. O sujeito deseja porque algo lhe falta. Essa falta não é uma falta significativa, que é referente à alienação, é uma falta que abre o caminho para o desejo e é encarnada pela queda de um objeto, e esse objeto que cai, que é extraído, é o objeto

a.

Lacan trabalha em *O Seminário, livro 10: A angústia* três formas de extração do objeto a: O objeto enquanto caído, enquanto cedido e historicizado. Colette Soler, em seu livro *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan*, faz uma releitura sobre essa teorização lacaniana no que diz respeito ao objeto a. Contaremos com essa contribuição para trabalharmos a questão.

Enquanto caído, o objeto pequeno a não é assimilável a um significante, muito pelo contrário, ele é irreduzível e resiste a qualquer assimilação, então ele é perdido através da significantização. É a partir da noção freudiana de objeto perdido que Lacan vai apresentar o objeto como separado, cortado, caído, como a libra de carne que acarreta um corte no corpo. Essa queda é denominada por ele de “separação” (*séparation*); ela se dá no real do corpo e é correlativa à separação ente S barrado e objeto pequeno a. Este é apresentado como objeto pré-subjetivo e é também o objeto enquanto causa de desejo. O falo é a representação do objeto a enquanto caído, no que se refere à detumescência do órgão, que faz com que o falo tome a função de a.

O primeiro objeto a é o objeto caído, cortado, pela operação da linguagem. Esse objeto a, esta subtração funda o \$ e o \bar{A} [...]. Quando o objeto é subtraído, correlativamente o sujeito, o S do sujeito natural, converte-se em sujeito barrado (\$) e o Outro que ele, de início, escreveu como grande Outro da linguagem, ele próprio, torna-se barrado (\bar{A}). (Soler, 2012, p. 149)

Enquanto objeto cedido, o objeto pequeno a difere do objeto caído, separado, por se tratar de um objeto que representa o sujeito, em outras palavras, esse é o momento em que é constituída a representação do sujeito pelo objeto. O melhor exemplo para ilustrar o objeto pequeno a como objeto cedido é o objeto anal, objeto cedido pelo sujeito através da demanda do Outro. O objeto cedido está relacionado com a operação de cessão, sendo esta uma operação de linguagem que ocorre entre o sujeito e o Outro, e que se manifesta nos fenômenos. Essa operação confere uma substância episódica ao objeto a: olhar, voz, oral e anal. Por este motivo, nesse contexto o objeto pequeno a é considerado por Lacan como objeto subjetivável – as: “o a com s designa as substâncias episódicas do objeto singular [...] isso designa, de fato, as guisas do objeto a sob a forma de objetos ditos parciais” (Soler, 2012, p. 148). O caráter cedível do objeto faz com que se possa substituir o objeto natural por um objeto mecânico (Tizio, 2007).

A terceira dimensão do objeto tem como função a nomeação, a qual só é possível a partir da função do pai enquanto existência. Em outras palavras, é através da nomeação atribuída pelo pai que será possível o objeto passar para o campo da história, ou seja, tornar-se

um objeto historicizado. Esse contexto, portanto, não comporta um objeto pequeno a que seja anônimo; trata-se de um objeto finito, eleito, que comporta os índices de uma história. Enfim, nessa dimensão o objeto pequeno a é objeto identificável e nomeável.

O objeto a, objeto de falta, através da operação de separação, se localiza na interseção entre o sujeito, enquanto dividido pelo significante \$, fruto da primeira operação de causação do sujeito, e o Outro (Figura 8). Nas palavras de Lacan: “Pela função do objeto a, o sujeito se separa, deixa de estar ligado à vacilação do ser, ao sentido que constitui o essencial da alienação. Ela nos é suficientemente indicada há muito tempo por traços suficientes.” (Lacan, 1998c, p. 243).

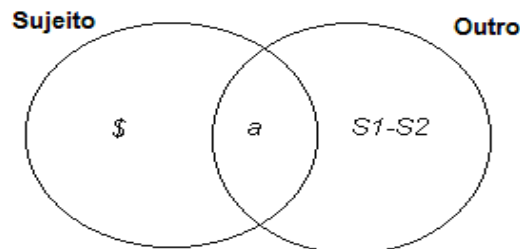


Figura 8: Diagrama de separação
Fonte: Nascimento, 2010, p. 6

Na separação, a via da identificação ocorre de uma forma diferente: se na alienação o sujeito se identificava ao Outro, na separação, trata-se da identificação ao objeto a. O sujeito se identifica ao objeto na esperança de poder ocupar o lugar vazio que ele percebe no Outro. Na sua relação com o Outro, o sujeito espera ocupar o lugar do desejo, sem saber que o que causa esse desejo é o objeto a enquanto falta, e que nada e nem ninguém pode preencher esse vazio inerente ao Outro. Rabinovich (2000), nos assevera que na operação de separação há certa equivalência entre sujeito e objeto a.

Soller (1997) diz que existe uma estratégia do sujeito na operação de separação. O sujeito, não tendo algo que responda sobre o seu ser, na operação de separação é um sujeito que quer vir a ser, que quer vir a saber. Lacan afirma que a via da operação de separação se dá pelo querer. Segundo ele, nessa operação o Vel retorna como *Velle*, palavra latina que significa querer, desejar. Conforme diz Sirelli (2010, p. 57): “de modo que, pela queda do objeto, surge um querer, um desejo. Desejo que se articula com o *separare*, separar, que se presentifica no *parere*, gerar a si mesmo, de maneira que, na separação, há o advento de um desejo novo, de uma invenção de si que vai além do Outro[...].”

Segundo Soler (1997b), a alienação é o destino, porém a separação não. A separação é

algo que pode ou não estar presente, pois está relacionada ao querer. Ela está associada com a vontade do sujeito de querer se separar da cadeia significante, a “separação supõe uma vontade de sair, uma vontade de saber além daquilo que o Outro possa dizer, para além daquilo inscrito no Outro.” (Soler, 1997b, p. 62).

Lacan assevera que para se livrar do efeito afanísico introduzido pela operação de alienação, o sujeito ataca a cadeia significante, na tentativa de fazer uma fenda no muro da linguagem. Por ter se alienado pela linguagem, a única saída de se livrar de seu efeito letal é promovendo esse ataque, via pela qual o sujeito encontra o seu lugar no intervalo entre os significantes.

Uma forma de ilustrar as operações de alienação e separação foi articulada por Roberto Harari, através de um quadro (Figura 9):

	Efeito no \$.	Relação com a cadeia significante, com o campo do Outro.	Operação lógica.	Modalidade da falta.
Alienação	divisório: afanise sentido (<i>fading</i>) (sem)	$S_1 \text{---} S_2$ captura x \$	Reunião	Vel (não há eleição, perde)
Separação	engendrar-se (<i>se parere</i>) função da “liberdade”	$S_1 \text{---} S_2$ ataque! x \$	Intersecção ou produto	Enigma do d (A): “pode per- der-me?”

Figura 9: Ordenamento do correspondente das operações de alienação e separação
Fonte: Harari, 1990, p. 251

A fórmula da fantasia articula o sujeito dividido \$ e o objeto a, produto das operações de alienação e separação (Sirelli, 2010). Para que a fórmula da fantasia funcione é preciso que sujeito e objeto sejam separados pela punção que tem como leitura possível junção-disjunção. A fantasia é inerente ao sujeito neurótico. A aproximação do objeto a com o sujeito é fonte de angústia, e quando o objeto fica colado no sujeito, quando não é extraído do campo da realidade, temos a foraclusão. Essas são algumas balizas possíveis que podem ocorrer no processo de causação do sujeito. Dentre elas, vamos passar especificamente por uma de nosso interesse neste trabalho, denominada por Lacan “holófrase”.

2.3 Holófrase

Na operação de alienação, o sujeito pode escolher entre o sentido e a petrificação: quando escolhe o sentido, estamos diante de um sujeito barrado, porém, quando escolhe a

petrificação, ocorre o que Lacan nomeou como holófrase.

O termo holófrase foi retirado da linguística e serve para indicar aqueles casos em que não há intervalo no primeiro par significante, S1 e S2.

O significante unário, S1, é o significante que representa um sujeito para outro significante. Laurent (1997), fazendo referência a Lacan, nos diz que o significante unário é um significante isolado em seu sentido mais profundo; separado do sentido, é ele que separa na cadeia significante aquilo que permanece no nível do não-senso. É também chamado por Lacan de significante-mestre.

O significante binário, S2, diferentemente do primário, está relacionado ao sentido. Em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* de 1964, Lacan afirma que o *Vorstellungsrepräsentanz*, que tem como significado representante da representação, é o significante binário que tem por efeito a afânise do sujeito. Segundo Lacan, esse significante constitui o ponto central do recalque, “o ponto de atração por onde serão possíveis todos os outros recalques” (Lacan, 1964/1998c, p.27).

Ao falar sobre a holófrase neste mesmo seminário, Lacan diz que “quando não há intervalo entre S1 e S2, quando a primeira dupla de significante se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de uma série de casos – ainda que, em cada um o sujeito não ocupe o mesmo lugar.” (Lacan, 1964/1998c, p. 225).

A solidificação do casal de significantes retira, coloca em suspenso, a função do significante como tal. Lacan atribui ao significante um estatuto de ser aquilo que representa um sujeito para outro significante. Através de sua solidificação, ocorre a impossibilidade de o significante representar um sujeito para outro, pois o significante não pode representar a si mesmo. Para que seja possível essa representação, é preciso que exista uma brecha, uma hiância, um intervalo entre os dois significantes, e é através desse intervalo que é possível vislumbrar a questão do desejo concernente à operação de separação.

Stevens (1987) nos adverte que holófrase é o nome dado por Lacan à ausência da dimensão metafórica. A metáfora ocorre através do intervalo entre os significantes. Quando não existe esse intervalo, temos como efeito a impossibilidade de um significante substituir o outro, já que nesta situação ambos ocupam o mesmo lugar.

Como nos adverte Dor (1989), a metáfora na teoria lacaniana consiste em “designar alguma coisa por meio do nome de uma outra coisa” (p. 43). Em sua teoria, Lacan atribui à metáfora o estatuto de ser uma substituição significante, ou seja, a metáfora consistiria na premissa de que todo significante poderia vir no lugar de outro e assim produzir sentido.

A solidificação do par significante, como nos afirma Stevens (1987), concerne ao

processo da alienação. Recordemos que na operação de alienação o sujeito pega um significante no campo do Outro, que precisa de um segundo significante para que o sujeito seja representado. Ao aceitar ser somente representado por significante, o sujeito paga o preço pelo desaparecimento do seu ser, sua afânise. É através desse segundo significante, S2, que o sujeito pode fazer advir sua significação.

Enquanto a solidificação do par significante está relacionada à operação de alienação, a ausência de intervalo entre S1 e S2 é concernente à operação de separação. (Vorcaro, 1999).

A falta de intervalo entre os dois primeiros significantes da cadeia tem como consequência uma outra dimensão do desejo do Outro, seria um desejo não interrogável. Essa interrogação só é possível através da falha que aparece nos intervalos do discurso do Outro, porém, se não há intervalo, tampouco aparece a dimensão da falta. Esse desejo sem barra, sem falha, aparece como “o gozo do Outro cujo objeto é o sujeito” (Vorcaro, 1999, p. 10). Nessa dimensão, o desejo do Outro passa a ser ininterrogável, dando lugar a um “superego obscuro e feroz que faz erupção no real”. (Stevens, 1987, p. 17).

Com a ocorrência da holófrase, o par significante congelado passa a funcionar como um S1 absoluto, único e não articulável. Esse significante absoluto não é um representante do sujeito, muito pelo contrário, ele indica a presença de uma frase que funciona como um imperativo “tu és isto”. Nascimento (2010) afirma que essa frase tem uma significação absoluta, pois seu sentido não está nas mãos do Outro.

Com o Outro fora de cena, nos casos onde ocorre a holófrase, o que fica em evidência é algo do “mais íntimo do sujeito, sua verdade mais particular” (Nascimento, 2010, p. 6), sendo assim, existe uma associação entre o objeto a e a verdade.

Na holófrase, não é colocada em voga a questão do desejo, sendo o objeto a o que causa o desejo. Parece-nos que, no que concerne à holófrase, a extração do objeto a é impedida de acontecer, estando o objeto colado ao sujeito, não extraído do campo da realidade. Essa extração do objeto a do campo da realidade está ligada à fantasia, com nos afirma Miller, (1996, p. 152): “a janela da fantasia só é constituída sob a condição de que o objeto a seja extraído.” Continuando a citação de Miller:

É precisamente porque o objeto a é extraído do campo da realidade que ele lhe dá seu enquadramento funcional [...]. Pois bem, o objeto a é como um tal retalho de superfície, e é sua subtração da realidade que o enquadra. O sujeito como sujeito barrado, é esse furo – quero dizer, como falta-a-ser. Como ser, ele não é nada além desse pedaço subtraído. Daí a equivalência entre o sujeito e o objeto a. (Miller, 1996, p.152)

Na série de casos nos quais ocorre a holófrase, sabemos que a saída do sujeito não se

dá via fantasia, como nos sujeitos em que a escolha feita é pelo sentido e não pela petrificação. A petrificação acarreta uma outra saída para o sujeito, porém, essas saídas vão depender do lugar que o sujeito vai ocupar nas diferentes categorias em que a holófrase se insere. Na debilidade, na psicose e no fenômeno psicossomático, é necessário interrogar de que lugar esses sujeitos comparecem, para depois pensarmos a problemática que cada um destes traz para a vida do sujeito.

2.4 A não extração do objeto a nos fenômenos psicossomáticos

Esse subtítulo foi inspirado por um trabalho de dissertação, nomeado *A não extração do objeto a na psicose: algumas notas sobre o Homem do Lobos*⁵, de Virgínia Souto Sanábio. Todavia, iremos trabalhar pontos diferentes, visto que a citada dissertação trata exclusivamente da psicose e o nosso trabalho tem como objetivo o estudo dos fenômenos psicossomáticos. Tais fenômenos têm como ponto de partida serem a-estruturais, ou seja, independentem de estrutura, podendo ocorrer tanto na neurose como na psicose. O objetivo com esse subtítulo seria ao mesmo tempo um questionamento e uma colocação.

Em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan faz alusão à experiência de Pavlov chamada de reflexo condicionado. Ele utiliza essa experiência para exemplificar o que ocorre nos FPS.

Vamos à experiência: “toca-se uma campainha cada vez que se alimenta o cachorro, até chegar-se ao ponto de tocar a campainha sem dar-lhe alimento. Após certo tempo a secreção gástrica vai produzir uma úlcera”. (Quinet 1988, p. 19)

Acompanhado a leitura lacaniana da experiência, ele nos adverte que a campainha na experiência tem valor de significante, não para o animal, que não é um ser provido de linguagem, mas para o experimentador, pois na experiência “não há outro sujeito senão o experimentador” (Lacan, 1964/1998c, p. 216). Lacan assevera que essa experiência só é possível porque o que está em jogo é algo relativo à necessidade que é perturbada pelo desejo do experimentador.

O ponto crucial de um experimento é que o animal não pode escapar desse destino, visto que a ele não é dada outra saída. Dessa forma, esta indução significativa relativa ao desejo do experimentador poderá provocar no animal toda sorte de desordem, mas como nos afirma Lacan, “[...] não sendo até o presente um ser falante, ele não é chamado a pôr em

⁵ Sanábio.V.L.S.M. (2009) *A não extração do objeto a na psicose: algumas notas sobre o Homem dos Lobos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

questão o desejo do experimentador.” (Lacan, 1964/1998c, p. 224).

Segundo Quinet (1988), esse é um exemplo do significante provocando uma lesão orgânica, no qual o barulho da campainha é o significante do desejo do experimentador, desejo do Outro. Esse desejo do Outro não pode ser apreendido pelo animal. Lacan diz que mesmo o experimentador, se fosse questionado sobre o seu desejo, ficaria por vezes embaraçado para responder. É essa dimensão do desejo do Outro enquanto inquestionável que está colocada na questão dos FPS. Nas palavras de Quinet:

Isso confere um modelo à constituição do F.P.S, quando uma necessidade da criança, por exemplo, é perturbada pelo desejo da mãe, isso pode provocar lesões. E nesse caso o sujeito não pode escapar de uma determinada fala do Outro, ele não pode deslizar na cadeia significante. Ele é submetido a esse significante que causa lesão, como uma palavra imposta, um imperativo do supereu, que tem como efeito a abolição do sujeito. (Quinet, 1988, p. 19)

Os fenômenos psicossomáticos se dão nos limites da estrutura de linguagem. No *Seminário 11*, Lacan nos adverte que no FPS ocorre a holófrase, o congelamento dos dois primeiros significantes da cadeia e por isso a via do desejo está de certo modo barrada (Lacan, 1964/1998c). Através dessa afirmação ocorre-nos uma indagação: qual seria o lugar do objeto a enquanto causa de desejo nos FPS, já que o desejo não entra em jogo no referido fenômeno? É nessa perspectiva que pretendemos trabalhar nesta parte do nosso trabalho.

Para podermos falar sobre o objeto a e o FPS, achamos pertinente retomarmos o termo objeto a na teoria lacaniana, todavia, iremos delimitar nossa discussão e referirmo-nos ao objeto a da maneira que Lacan o trabalhou em seu Seminário 10, intitulado “*A angustia*”: a noção do objeto a enquanto causa de desejo, afastando-se um pouco da ideia do Estádio do Espelho.

Em *O Seminário, livro 10: A angústia*, Lacan nos traz uma distinção do que seria o objeto pequeno a:

Ora, o a de que se trata, marcado como causa de desejo, não é essa vaidade nem esse resto. Se em sua função ele é realmente o que articulo, ou seja, o objeto definido como um resto irreduzível à simbolização no lugar do Outro, ainda assim ele depende desse Outro, pois, se assim não fosse, como se constituiria? [...] Se o a é o resto singular da existência tal como esta se impõe, não se trata, como se disse, da existência em sua facticidade. [...] Mas não há nenhuma facticidade no resto a, porque nele se enraíza o desejo que conseguirá mais ou menos culminar na existência. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 359).

Nesse contexto, o objeto a está intimamente ligado ao desejo, sendo este o que o causa. É a extração do objeto a do campo da realidade que possibilita ao sujeito tomar a via do desejo e se reconhecer como um sujeito desejante. O objeto a enquanto algo que falta, faz

com o que o sujeito procure em objetos parciais aquilo que ele ilusoriamente acha que pode completá-lo. Todavia, esse objeto é perdido desde sempre e para sempre, estando esse desejo localizado sempre alhures.

Em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan retoma a questão do objeto a, relacionado-o com as operações de causação do sujeito, mais especificamente a separação, que já foi trabalhada neste capítulo.

Na operação de separação, a identificação do sujeito passa pelo objeto a. Todavia, nos fenômenos psicossomáticos a operação de separação não se efetua na medida em que a afânise do sujeito não ocorre. Nas palavras de Lacan: “A psicossomática é algo que não é um significante, mas que, mesmo assim, só é concebível na medida em que a indução significante, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a afânise do sujeito” (Lacan, 1998c, p. 215).

Se não ocorre a operação de separação, tampouco o objeto a encontra uma brecha para emergir, visto que é preciso uma hiância para que ocorra a sua queda.

Guir, em seu texto intitulado *Fenômeno psicossomático e função paterna*, elucida qual o destino do objeto a, no que diz respeito aos fenômenos psicossomáticos e à holófrase. Ele assevera que, pelo efeito da gelificação de S1 e S2, há uma impossibilidade da emergência do objeto a, e, como consequência dessa impossibilidade “ Metaforicamente, ele reaparece então sob forma incrustada no corpo” (Guir, 2003, p.56).

Em outro texto, datado em 1988, Guir também traz a questão do objeto a e dos FPS. Ao falar da holófrase, cita o dicionário Robert, que o define como uma frase inteira que é expressada por uma única palavra ou palavra-frase. Guir (1988) alega que a holófrase entre S1 e S2 acarretaria a formação de um significante novo. Afirma ainda que na holófrase não ocorre a perda, a falta, sendo assim impossível encontrar o segundo significante - que faria com que o sujeito fosse representado por dois significantes – que produziria o objeto a.

A holófrase de S1-S2 deve levar em conta o destino do objeto a. Como não há perda, falta, “ O S1 seja um fonema, uma palavra, uma frase, até um pensamento”, não encontramos eco para o sujeito de um outro significante com produção do objeto a, o S1 sobra em sua vocalização puramente física (Guir, 1988, p. 183).

Outros autores também trouxeram a questão do objeto a e os fenômenos psicossomáticos. Ramirez e Dunker (2011), em seu texto intitulado *A fantasia encarnada: um estudo sobre os fenômenos psicossomáticos*, trazem a dimensão do objeto a nos FPS. Eles asseveram que se S1 e S2 são congelados, não existe intervalo para a constituição do sujeito e tampouco existe objeto perdido, estilhaços pulsionais. O que se vê é que o sujeito é compacto

ao objeto. Continuando, nas palavras dos autores: “Isso não significa que o sujeito não seja representado por um significante, o que ocorre no fenômeno psicossomático é que o sujeito é representado por um significante, mas não para outro significante.” (Ramirez & Dunker, 2011, p. 140).

Os autores citados acima relacionam a questão da não extração do objeto a nos FPS pela via da holófrase e da impossibilidade da ocorrência da operação de separação. Eles traçam a via percorrida por Lacan, ao afirmar que o FPS não coloca em jogo a afânise do sujeito. Sem a afânise do sujeito, não existe a falta no sujeito, o que o impossibilita entrar no jogo do desejo e do recobrimento das duas faltas, fato essencial para a entrada do sujeito na operação de separação.

Como já foi dito acima, no tópico sobre a separação, é através da extração do objeto a que o sujeito tem acesso ao desejo, todavia é preciso que ocorra uma hiância para que o objeto caia. Sem o intervalo é impossível ao sujeito acessar a via do desejo e o destino do objeto a é uma encarnação no corpo⁶. De acordo com Fonseca (2010), a holófrase no que concerne aos FPS é o desejo do Outro fazendo furo no corpo, “como se ocorresse a corporificação da holófrase”. (Fonseca, 2010, p. 78). Através da corporificação da holófrase, o objeto a seria encarnado no corpo.

Seja qual for a construção dos autores sobre o objeto a e os FPS, uma coisa é unívoca nos discursos de ambos: se ocorre a gelificação nos dois primeiros significantes da cadeia, ou melhor, se ocorre um problema com a introdução significativa no sujeito, a relação com o objeto a é modificada. Nos FPS, por mais que se fale em uma indução significativa e não em uma forclusão, o objeto a é impedido de cair, de ser extraído, pela falta de hiância entre os dois primeiros significantes da cadeia. Assim, nos FPS, partindo do pressuposto de que neles a afânise do sujeito não é colocada em jogo, percebemos a impossibilidade do sujeito de entrar na via do desejo, pelo fato de que com a holófrase, o objeto a (que é causa de desejo) não pode ser extraído, tendo como saída possível sua fixação no corpo do sujeito, acarretando

⁶ Násio, em seu livro *Fenômeno psicossomático: as formações do objeto a*, trabalha os fenômenos psicossomáticos pela vertente das formações do objeto a, que seria o oposto das formações do inconsciente. As formações do objeto a são “produções psíquicas onde não há referências significantes” (Násio, 1993, p. 24). Segundo Ferrareto (2011), o apelo significativo não é para outro significante, não remete a nada, pois os significantes são holofraseados. “A resposta ao apelo que seria fantasístico torna-se uma formação do objeto a” (Ferrareto, 2011, p. 191), que tem como uma das referências, a lesão de órgão. Segundo Pacheco (2011), nas formações do objeto a, o sujeito não se separa do objeto como na fantasia. Na fantasia, “o sujeito se identifica com o objeto do qual se separa. Aliena-se concomitantemente à separação; é ao que remete a fórmula lacaniana da fantasia, como junção-disjunção entre sujeito e objeto” (Pacheco, 2011, p.202).

“Formação do objeto a: são aquelas formações psíquicas às quais as leis de significantes da sucessão e da substituição não se aplicam; eu diria que são formações psíquicas nas quais não vemos as mesmas leis significantes que poderiam ser aplicadas para as formações do inconsciente” (Násio, 1993, p. 9)

como uma de suas saídas, doenças de cunho orgânico que atingem o real do corpo.

3 FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO: DO GOZO ESPECÍFICO À ESCRITA NO CORPO

3.1 Sintoma e fenômeno psicossomático: o que os difere?

Quando falamos sobre fenômeno psicossomático, por vezes ocorre uma comparação ou uma associação com o sintoma, principalmente com a somatização. Por isso, achamos pertinente distinguir tais termos, a fim de evitarmos possíveis equívocos no que diz respeito aos FPS.

Desde os primórdios da psicanálise, Freud trabalha com a noção de sintoma. Na verdade, a psicanálise surge através do sintoma. Foi pelo fato de Freud ter se interessado pelos sintomas histéricos e se dedicado a eles, atribuindo-lhes um valor diferente da medicina, que a psicanálise pode emergir, tendo como seu eixo principal a teoria do inconsciente.

Em 1910, Freud trabalha com a hipótese de que no aparelho psíquico existe um jogo de forças que pode favorecer ou inibir certos tipos de ideias. As ideias que são inibidas deixam de ser acessíveis à consciência, passando a ser assim ideias inconscientes.

Esse recalque ocorre devido ao conflito existente entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu. Segundo Freud (1910/2013), essas pulsões têm a sua disposição os mesmos órgãos, o que acarretaria todo o conflito. O objetivo das pulsões sexuais e as do Eu é encontrar a satisfação, todavia, divergem-se em seu modo de satisfação, o que geraria um conflito de interesses. Enquanto o Eu tem como preocupação a autoconservação do indivíduo, os instintos sexuais buscam a obtenção de prazer sexual. Por isso, Freud afirmou que “não é fácil servir a dois senhores ao mesmo tempo” (Freud, 1910/2013, p. 320), pois quanto mais íntima a relação do órgão com uma das duas formas de instinto, maior será a sua rejeição à outra.

O prazer sexual não se liga apenas à função dos genitais; a boca serve tanto para o beijo como para a alimentação e a comunicação, os olhos percebem não apenas as alterações no mundo exterior que são importantes para a prevenção da vida, mas também as características dos objetos que os tornam elegíveis como objetos de amor, seus encantos (Freud, 1910/2013, p. 230).

Vamos à problemática: o Eu se sente ameaçado pelas exigências das pulsões sexuais e se defende por meio do recalque, que nem sempre obtêm o êxito esperado, mas provoca perigosas formações substitutivas do recalco e incômodas formações reativas do Eu. Segundo nos assevera Freud (1910/2013), são essas duas formações que compõem os sintomas neuróticos.

Freud utilizou desse arcabouço teórico para demonstrar como ocorreria o processo do transtorno psicogênico da visão ou cegueira histérica. Ele afirma que quando a visão é o órgão eleito pelas pulsões sexuais (o prazer sexual em olhar) o olho é atravessado pela reação defensiva do Eu, de modo que as ideias que exprimem o desejo sexual são recalçadas pelas pulsões do Eu sendo mantidas longe da consciência, e como resultado disso, “a relação do olho e da visão com o Eu e a consciência é perturbada” (Freud, 1910/ 2013, p. 320).

É bom lembrar que Freud acreditava no papel patogênico da sexualidade, porém, ele afirma que nem todo distúrbio da visão se trataria de um transtorno psicogênico; este seria causado “pela repressão do prazer erótico de olhar” (Freud, 1910/2013, p. 322). Segundo Freud (1910/2013), quando um órgão que serve a duas pulsões aumenta o seu papel erógeno, é de se esperar que ocorra uma alteração em sua excitabilidade e sua inervação, alteração essa que passa a funcionar como um transtorno da função do órgão a serviço do Eu.

Entende-se assim, que nos transtornos psicogênicos da visão, o sujeito para de enxergar por uma reação do Eu ao perceber que o olhar estaria voltado para uma função erógena, ou do desejo, e não para um instinto de sobrevivência. Com o órgão tomado pelas pulsões sexuais, o Eu as recalca, impedindo que se tornem conscientes, impossibilitando assim sua satisfação. O que está comprometido no órgão é a sua função, anatomicamente ele está saudável. O sujeito padece psiquicamente e para de enxergar, porém, o olho está saudável, o que está “doente” é a função do olhar.

[...] Os histéricos não estão cegos em consequência da ideia auto sugestiva de que não veem, mas sim por causa da dissociação entre processos inconscientes e conscientes no ato ver; sua ideia de que não veem é a justificada expressão do estado de coisas psíquico e não causa deste. (Freud, 1910/2013, p. 316).

Anos depois, Freud retoma o tema sobre o sintoma em suas Conferências Introdutórias. Na conferência *Os Caminhos da formação dos sintomas* de 1917, Freud afirma que os sintomas neuróticos seriam o resultado de um conflito causado por uma nova maneira de satisfação da libido. A libido insatisfeita e repelida pela realidade utiliza-se do fracasso do recalque e passa a procurar caminhos indiretos para sua satisfação. Todavia, o caminho que ela utiliza é “a regressão a fases anteriores do desenvolvimento infantil e a atitudes anteriores para com os objetos – ponto de fixação infantil – e irrompe na consciência, obtendo satisfação” (Dias 2006, p. 400).

Como veem, a escapada da libido, nas condições com o conflito, é possibilitada pela presença

das fixações. O investimento regressivo dessas fixações permite contornar o recalque⁷ e leva a uma descarga – ou satisfação – da libido, na qual as condições de compromisso precisam ser mantidas. Através do rodeio pelo inconsciente e pelas antigas fixações, a libido consegue enfim, avançar rumo a uma satisfação real que, no entanto, é extremamente limitada e já quase irreconhecível (Freud, 1917/2014, p. 478/479).

Segundo Dias (2006), o sintoma é uma satisfação sexual substituta, ele substitui algo que foi afastado pelo recalque e que ressurgiu através do retorno do recalcado. Todavia, trata-se de uma satisfação distorcida, que é percebida pelo sujeito como algo ruim, que gera dor e sofrimento. Os sintomas são descritos pelo sujeito como algo indesejado e que causa desprazer. Esse sentimento de desprazer ocorre devido à deformação da satisfação causada pela censura, pois, por mais que a libido consiga escapar da censura, ela não escapa completamente, “submetendo-se, assim, a modificações e aos deslocamentos.” (Dias 2006, p. 400).

[...] não nos referimos ao fato de essa satisfação não ser reconhecível como tal por aquele que sente; este percebe a suposta satisfação antes como sofrimento, do qual se queixa. Essa metamorfose está ligada ao conflito psíquico sob cuja pressão o sintoma foi levado a formar. O que outrora trouxe satisfação ao indivíduo, hoje desperta-lhe resistência ou aversão. (Freud, 1917/2014 p., 485)

Tanto Freud como Lacan acreditam que o sintoma contém um sentido. O sintoma é uma satisfação sexual substitutiva, que tem uma íntima relação com a fantasia. Segundo Chemama (1995, p. 71), entende-se por fantasia “algo que é ao mesmo tempo, efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz dos desejos atuais, conscientes e inconscientes.”. O sintoma então é reconhecido “como a realização de uma fantasia de conteúdo sexual, ou seja, representa, na totalidade ou em parte, a atividade sexual do sujeito provinda das fontes das pulsões parciais, normais ou perversas”. (Dias, 2006, p. 400).

Percebe-se que o sintoma tem um conteúdo latente, contém um sentido e está relacionado ao significante, à linguagem. Fonseca (2006) afirma que o sintoma é uma metáfora, na medida em que opera com significantes e está em relação substitutiva com algo. Juntamente com o sonho, o lapso e o chiste, o sintoma faz parte das formações do inconsciente, que tem como ponto principal denunciar “um desejo que permanece oculto” (Fonseca, 2006, p. 49).

A partir dessa lógica significante, o sintoma, no sentido analítico, define-se como uma formação do inconsciente, como estrutura de linguagem, onde se opera uma substituição (metáfora) passível de deslocamento e modificação a partir de uma interpretação, e onde, portanto, a relação ao

⁷ Achamos pertinente substituir o termo repressão por recalque.

Outro é constitutiva (Guir, 1988, p. 21).

Os fenômenos psicossomáticos, diferentemente dos sintomas, não estão no nível da metáfora, não contêm um sentido, não são uma forma de estrutura e se encontram nos limites da estrutura de linguagem. Eles têm relação com o real, são a-estruturais, podendo ocorrer em qualquer estrutura, neurose, psicose ou perversão. Nesses fenômenos o desejo não é colocado em questão. Lembremo-nos, como foi dito no primeiro capítulo, que através da não ocorrência da afânise a operação de separação é impedida de acontecer, ficando o sujeito à mercê do desejo inquestionável do Outro.

Em sua *Conferência em Genebra sobre o sintoma* de 1975, Lacan, ao ser questionado se o FPS poderia ser associado ao grito, responde que o grito não tem relação com o FPS, que este estaria mais na dimensão do hieróglifo do que do grito.

O grito comporta um endereçamento, quando uma pessoa grita, ela grita para alguém. Ele carrega um sentido, pode ser de medo, dor, tristeza, euforia, alegria, porém, por detrás do grito sempre há algo que o sujeito quer dizer ou demonstrar, em outras palavras: o grito contém apelo ao Outro. Ao contrário, o FPS não faz apelo, não se dirige ao Outro, ele é da ordem do hieróglifo, uma escrita muda, conforme diz Lacan (1998a, p. 14): “Há algo para se ler, diante do qual frequentemente “boiamos”. Nas palavras de Miller:

O fenômeno psicossomático é um grito? Lacan, entretanto, prefere a ele o hieróglifo, precisamente porque com o grito se faz um apelo – o grito é dirigido ao Outro. Não vamos nos deter num eventual grito primário que não se dirige ao Outro, mas a esse respeito, o hieróglifo do qual falamos com o fenômeno psicossomático é um hieróglifo no deserto, e não grito. (Miller, 2003, p. 90/91).

Em *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*, Lacan (1957-1958/1999) trabalha com a premissa de que o sintoma é uma mensagem na qual o destinatário é o Outro. Esse endereçamento ao Outro, tanto no grito como no sintoma, é o que caracteriza uma das principais diferenças entre o fenômeno psicossomático e o sintoma. Contrário ao sintoma, o FPS não faz apelo e é percebido como uma escrita muda, por isso a comparação com o hieróglifo.

Enquanto o sintoma se inscreve na dimensão metafórica, dentro da cadeia significante que desliza de acordo com a significação fálica e se endereça a alguém, o FPS inscreve-se como será visto mais adiante, na dimensão da holófrase, fora de qualquer significação, sem nenhum endereçamento. Ele também se difere da somatização já que, ao contrário desta, acarreta lesões com as quais o sujeito não se vê implicado e às quais não atribui sentido ou qualquer tipo de interpretação, como ocorre com as somatizações [...] No FPS ocorre assim um contornamento do simbólico e algo do real faz incidência direta sobre o corpo. (Fonseca, 2006, p. 231)

Diferentemente dos sintomas, nos FPS o sentido encontra-se sempre alhures, devido à gelificação dos dois primeiros significantes S1-S2, denominada holófrase. Ela “impede o deslizamento na cadeia de significantes, impossibilitando os mecanismos de metáfora e metonímia, que são as duas modalidades de funcionamento do inconsciente” (Ventura & Nicolau, 2012, p. 1). Se não há substituição significativa, que seria a metáfora, tampouco a dimensão do sentido aparece, já que o sentido tem relação com o S2 e com a hiância que ocorre entre dois significantes. “Quando se tem um elo entre os significantes (S1 e S2) tem-se o sentido” (Soler, 1997b, p. 61).

A holófrase já foi trabalhada no primeiro capítulo, por isso não iremos delongar nesse assunto, porém, é importante ressaltar que ela é algo que marca o que é da ordem dos FPS e os difere do que seriam as formações do inconsciente.

A última distinção está relacionada com a questão do UM. No FPS não temos a articulação entre dois significantes. Segundo Miller (2003), trata-se de um S1 absoluto e, por isso, não articulável. Segundo Ribeiro (1996), quando um significante se holofraseia, ele perde o seu valor simbólico e se imaginariza, tornando-se um signo. Essa questão dos FPS estarem arraigados no imaginário será discutida mais à frente, o que queremos destacar aqui é que se trata de um S1 absoluto.

Na holófrase, o significante é modificado em sua essência, pois um significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante, não existindo esse segundo que faz com que o advento do sujeito seja possível. O S1 fica como um significante do Outro, que se presentifica como algo imposto, sobre o que o sujeito nada pode fazer, pois a ele é vedado compreender a significação do desejo do Outro, que fica como um enigma e do qual o sujeito não pode se defender.

Essa questão relativa ao desejo inquestionável do Outro e sobre o S1 também foi discutida no primeiro capítulo, sendo desnecessária sua repetição.

Trouxemos esses exemplos para tentarmos demonstrar quais seriam as principais diferenças entre FPS e sintoma. Achamos pertinente tal distinção por se tratarem de áreas de pesquisas distintas, que exigem uma postura diferente do psicanalista que resolver enveredar sobre as questões do psicossomático.

“A incidência da lesão no fenômeno psicossomático é uma condição necessária, mas não suficiente para sua diferenciação em relação ao sintoma histórico” (Facury, 2011, p. 50). Essa distinção só poderá ocorrer através da fala do paciente, que demonstrará em seu discurso uma falha, uma impossibilidade de questionar seu próprio sofrimento, de se colocar como sujeito de sua própria história, sendo sempre o seu adoecer, e não um sujeito que adoeceu,

estando o sujeito colado, sem saída, sem subjetivação, ou melhor, tendo como única saída pagar com o próprio corpo algo impossível de subjetivar.

Para encerrar esta parte do trabalho iremos contar com a contribuição de La Sagna (1996) com uma tabela, distinguindo o que é da ordem do FPS e o que está relacionado ao sintoma (Figura 10):

Sintoma	FPS
Leis da palavra	Escrita
Leis da linguagem	Inércia
Dialética	Identificação
Substituição	Corpo
Inconsciente	Mostração
DiscursoS1- holófrase	Para decifrar
Não para ser lido	Signo
Assinatura	

**Figura 10: Duas séries de termos que se correspondem linha a linha (uma referente ao sintoma analítico, outra, ao FPS)
Fonte: La Sagna, 1996, p. 62**

Algumas dessas questões demonstradas na tabela já foram discutidas neste trabalho até o presente momento, as que ainda não foram trabalhadas o serão nas páginas a seguir. Contudo, é importante levar em consideração o que é da ordem dos FPS e o que os difere do sintoma, para através da distinção tentarmos compreender “este fenômeno que mantém com a linguagem uma relação se não de exclusão de borda” (Fuentes, 2002).

3.2 Os Fenômenos psicossomáticos na perspectiva de Jacques Lacan

Lacan faz referência aos fenômenos psicossomáticos em diversos momentos de seu ensino. Em cada momento o autor traz uma colaboração distinta, porém, sempre em conexão umas com as outras. Essa distinção se dá por se tratarem de momentos diferentes de sua elaboração teórica, contudo, são comentários que se somam e trazem uma contribuição imensurável para a clínica dos fenômenos psicossomáticos.

Lacan trabalha os FPS em *O Seminário, livro 2: O eu na teoria freudiana e na técnica psicanalítica*, *O Seminário, livro 3: As psicoses*, *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*, *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* e na

Conferência em Genebra sobre o sintoma. Tratam-se de intervenções curtas, não sendo nenhum desses trabalhos direcionados aos citados fenômenos, porém, isto não diminui a sua contribuição para quem almeja percorrer o terreno da psicossomática, seja através da clínica ou da pesquisa.

Os psicanalistas lacanianos que deram continuidade às pesquisas sobre os FPS o fizeram através desses comentários de Lacan. Através deles, puderam escavar, pesquisar e questionar esse fenômeno que mantém com a linguagem uma relação de borda, de limite, causando um enigma tanto para quem pesquisa como para quem dele padece.

Nesse capítulo, iremos refazer o percurso de Lacan servindo-nos também de outros autores que se interessaram, pesquisaram e construíram uma clínica psicossomática de orientação lacaniana. Contudo, não iremos retomar o que Lacan trabalhou em *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais de psicanálise*, visto já ter sido amplamente discutido no primeiro capítulo.

Em *O Seminário, livro 2: O eu na teoria freudiana e na técnica psicanalítica*, Lacan (1954-1955/2010) promove uma discussão sobre os FPS partindo de uma colocação de François Perrier sobre o então nomeado distúrbio psicossomático e as relações de objeto.

Lacan traz a questão para afirmar que nos FPS não haveria uma relação de objeto, como outrora havia afirmado Perrier. Sendo assim, para Lacan (1954-1955/2010) é necessário obter certos cuidados para que não haja um exagero em articular a relação de objeto com tudo o que diz respeito à psicanálise. Lacan chega mesmo a dizer que o termo relação de objeto virou “pau pra toda obra”, por isso devemos ter mais cautela ao trabalhá-lo.

Esse cuidado é necessário porque a relação de objeto não trabalha sozinha e depende de outro mecanismo, a relação narcísica, para que possa ocorrer. Segundo Lacan (1954-1955/2010) a relação narcísica é o elo que liga o eu ao outro, onde ocorre uma identificação possível com o outro, sendo “condição primordial de qualquer objetivação do mundo exterior - tanto da objetivação ingênua, espontânea, como da objetivação científica” (Lacan, 1954-1955/2010, p. 133).

A partir da premissa de que o sintoma neurótico mantém relação com o objeto, ele se difere dos fenômenos psicossomáticos, visto que esses aparecem como resultado do investimento da libido sobre o órgão e não sobre o objeto. (Nicolau & Guerra, 2012). Segundo Lacan (1954-1955/2010), os fenômenos psicossomáticos estão relacionados com algo localizado no limite das elaborações conceituais. O que se pensa sempre, o que se fala sempre, porém, por estar localizado no real é algo que não se apreende. Valas (2003) nos adverte que nesse momento do ensino de Lacan, o real está relacionado com o rochedo do

biológico Segundo Fonseca (2006), nesse momento de seu ensino, o real não faz referência ao impossível, ele é apreendido como “absolutamente sem fissura”

Já no início da sua teorização, Lacan diferencia o que é da ordem do sintoma e dos FPS, diferença que persistirá até o fim de seu ensino. Com o decorrer dos Seminários, vai ocorrendo também uma mudança na teoria apresentada, todavia, ele refere os FPS à ordem do real até os seus últimos trabalhos.

Em *O Seminário, livro 3: As psicoses*, ao comentar um trabalho apresentado por Ida Macalpine acerca de uma psicose com sintomas hipocondríacos, Lacan volta a dizer que os FPS são estruturados de forma distinta das neuroses. Ele aproxima o FPS do delírio, afirmando que ambos comportam uma ausência da interdição simbólica, manifestam-se de maneira direta e não cedem via interpretação.

Encontra-se aí sem dificuldades esse algo de particular que está no fundo tanto da relação psicótica como dos fenômenos psicossomáticos com os quais essa clínica se ocupa de modo tão especial, e que para ela são certamente a via de introdução à fenomenologia desse caso. É aí que ela pôde ter a apreensão direta de fenômeno estruturado de modo bem diferente do que se passa nas neuroses, a saber, onde há não sei que impressão ou inscrição direta de uma característica, e mesmo, em certos casos, de um conflito, no que se pode chamar o quadro material que apresenta o sujeito enquanto ser corpóreo. Um sintoma tal como erupção, diversamente qualificada dermatologicamente, da face, se mobilizará em função de tal aniversário, por exemplo, de maneira diferente, sem intermediário e sem dialética alguma, sem que nenhuma interpretação possa marcar sua correspondência com alguma coisa que seja do passado do sujeito. (Lacan, 1955-1956/1988, p. 361).

Segundo Valas (2003), essa questão colocada por Lacan em 1955 sobre uma inscrição direta no corpo irá reaparecer 20 anos depois, em 1975, na *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, e será nomeada por Lacan de hieróglifo. Ele relacionará o FPS com um cifragem de gozo do lado do número. Mais à frente deste capítulo iremos trabalhar minuciosamente esses termos, por agora vamos nos ater ao *Seminário 3*.

Valas (2003) associa a irrupção do FPS com um significante datador, que ele cita como “mobilização em função de tal aniversário”. Guir (1988) também fala sobre o papel dos significantes datadores como uma cifragem dos acontecimentos da vida do sujeito “um ponto de fixação do real, através dos números, sobre o corpo do sujeito” (Guir, 1988, p. 35).

Segundo Facury (2011), em *O Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação* Lacan faz uma pequena referência ao hieróglifo “para se referir àqueles casos em que o sujeito é monolítico, identificado com seu enunciado” (Facury, 2011, p. 57).

3.3 Conferência em Genebra sobre o sintoma

No momento em que Lacan profere a *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, ele está caminhando para os seus últimos seminários, tinha terminado de apresentar *O Seminário RSI*, e através de perguntas da plateia entra no mérito dos FPS. Nessa conferência ocorre uma reviravolta em sua teorização sobre os FPS: Lacan os coloca na vertente do gozo, ampliando o campo de abordagem, que deixa de estar ligado somente ao significante. Se no *Seminário 11*, Lacan trabalha o FPS por meio de sua construção teórica, na dita conferência, Lacan abordará os FPS através de perguntas vindas da plateia.

Ao responder a primeira pergunta que tem como conteúdo a relação dos fenômenos psicossomáticos com o significante, Lacan afirma que o FPS é um domínio muito pouco explorado e o descreve como algo da ordem do escrito, porém, de um escrito que não sabemos ler. “Tudo se passa como se algo estivesse escrito no corpo, alguma coisa que se oferece como um enigma” (Lacan, 1975/1998, p. 13/14).

Ao continuar a discussão, Lacan (1975/1998a) assevera que os FPS estão relacionados à assinatura, o que os difere do signo. Ele volta a afirmar que o FPS é algo que é escrito, porém, sua leitura é demasiadamente difícil, ou melhor, enigmática, é algo que não compreendemos e que se dá como um enigma, sendo sua tradução desconhecida e de difícil acesso, pois essa leitura não se dá via inconsciente. Algo que deveria ser falado, simbolizado, faz ligação direta, uma ligação direta do pensamento no corpo, sem nenhuma mediação simbólica, irrompendo como uma lesão ou uma doença, diante da qual ficamos “boiando”, por estar a mesma relacionada ao impossível de dizer.

Lacan faz uma associação dos FPS ao hieróglifo e afirma que no FPS o corpo é considerado “como um invólucro, como o que entrega o nome próprio” (Lacan, 1975/1998a, p. 14).

Para compreendermos melhor o que seria esse hieróglifo iremos trazer uma contribuição de Allouch (2007) em seu livro *A clínica do escrito*, sobre o que seria esse hieróglifo e sobre o que Lacan quis dizer com a expressão “o invólucro que entrega o nome próprio”.

A palavra hieróglifo vem do grego e significa escrita sagrada. A escrita hieroglífica é uma escrita fundamentalmente pictográfica. Segundo Campos e Claro (2010), todos os objetos ou seres vivos que pudessem ser desenhados eram usados como sinais ou caracteres na escrita egípcia, a qual consiste no uso de símbolos, ideogramas, para representar palavras, os hieróglifos. Uma escrita difícil, que só era dominada pelos sacerdotes, os escribas e os

membros da realeza.

Com o passar do tempo essa escrita foi deixando de ser usada, caindo assim no esquecimento. Séculos depois, em 1799, um soldado que era membro do exército de Napoleão Bonaparte abriu uma trincheira num forte próximo à cidade de Roseta e encontrou uma pedra contendo 14 linhas de hieróglifos. Muitos tentaram decifrar tal escrita. Segundo Faria (2010), durante muito tempo a escrita hieroglífica representou para os linguistas um grande mistério a ser solucionado, até que o francês Jean François Champollion conseguiu traduzir os hieróglifos contidos na pedra de Roseta.

Segundo Allouch (2007), houve uma associação entre a escrita egípcia e a chinesa, e foi através dessa associação que se pode chegar à tradução da escrita egípcia. Na escrita chinesa, os nomes próprios estrangeiros têm valor fonético. Para escrever um nome próprio de origem estrangeira, por este não ter tradução, os chineses seguem a fonética do nome, através do som, justapõem os caracteres, que são escolhidos os mais susceptíveis de corresponder homofonicamente ao nome próprio.

Essa associação entre a língua chinesa e a egípcia é errônea, todavia foi através dela que se começou a trilhar o caminho para tradução dos hieróglifos. Diferentemente do que se achava, a escrita hieroglífica continha um caráter homofônico, uma homofonia que se opera por toda parte, inclusive nos nomes próprios. (Allouch, 2007).

O nome próprio se caracteriza como algo que não está na vertente da tradução: é escrito para não ser traduzido. Isso não significa que ele não é traduzível, mas sim que não se deve traduzi-lo. O nome próprio também não se encontra na vertente do sentido, conforme diz Allouch: “o fato de não fazer sentido não é o que importa no nome próprio. Considerar o nome próprio como nome próprio consiste na própria recusa, nesse tratamento específico que só o mantém como nome próprio ao preço de interessar-se apenas por sua cor.” (Allouch, 2007, p. 118/119). A cor do nome é uma teorização de Frege, ao se referir àquilo que é o resto da tradução, o que ele nomeia de “representações associadas”. Essas representações seriam de ordem subjetiva, singulares e intransmissíveis.

O nome próprio foi um apoio decisivo para a tradução das ditas “línguas mortas” e o hieróglifo não é exceção diante dessa premissa. Champollion teve a possibilidade de decifrar a escrita hieroglífica da pedra de Roseta partindo da escrita do nome próprio. Foi através da comparação do cartucho gravado no Obelisco de Philae descoberto em 1815 com a pedra de Roseta que Champollion avançou na sua pesquisa a respeito dos hieróglifos. “Este obelisco apresenta como particularidade associar ao texto hieroglífico, de cada um dos seus lados, um texto grego gravado sobre seu pedestal, onde se podia ler uma demanda que os sacerdotes de

Philae dirigiram a Ptolomeu e sua mulher Cleópatra. Um dos cartuchos do obelisco era idêntico ao da pedra de Roseta” (Allouch 2007, p. 119). É de grande chance que um dos escritos na pedra de Roseta fosse o nome Ptolomeu.

O deciframento do hieróglifo encontrado em Roseta foi possível através de uma operação denominada transliteração. Segundo Ventura e Nicolau (2012), a transliteração é uma forma de passagem de uma escrita para outra, onde o sentido não é o eixo principal. Foi justamente isso que Champollion fez, ele passou da escrita hieroglífica para a escrita grega. “O deciframento dos hieróglifos constituiu unicamente no estabelecimento do sistema de transliteração da escrita hieroglífica em escrita grega, aquilo que Champollion chama de “seu alfabeto”, constituído pelo conjunto de correspondências homofonicamente inferidas, a partir dos nomes próprios, das letras hieroglíficas e das letras do alfabeto grego” (Allouch 2007, p. 122). A transliteração se caracteriza como a passagem de uma escrita para outra, ou seja, “uma escrita é substituída por outra” (Ventura & Nicolau, 2012, p.8). Iremos retomar mais à frente essa questão da transliteração e sua relação com os FPS. Por hora, vamos continuar a discutir as colocações Lacanianas sobre os FPS na Conferência em Genebra.

A pedra, encontrada em Roseta continha os nomes de Ptolomeu e Cleópatra. Nas inscrições das pedras dos hieróglifos egípcios, existe uma série de sinais separados do resto da escrita, com traços que os envolvem de forma oval ou retangular. A esses traços é dado o nome de cartucho. (Laurent, 2003). Segundo o Novo Dicionário Aurélio (1986), segunda edição, os cartuchos são molduras alongadas que na escrita hieroglífica egípcia encerram nome de soberano.

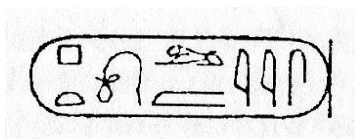


Figura 11: Cartucho encontrado na Pedra de Roseta e no Obelisco de Philae
Fonte: Allouch, 2007, p. 120

Foi através dessa questão dos linguistas, de Champollion e da escrita egípcia, que Lacan associou os FPS ao hieróglifo, como uma escrita sem tradução, que não se dá a ler. A questão relativa ao nome próprio é associada ao cartucho que, como nos disse o dicionário Aurélio, contém o nome dos soberanos egípcios, entrega o nome próprio. A relação entre FPS e nome próprio foi trabalhada amplamente por Laurent (2003). Iremos trabalhar o pensamento desse autor mais à frente deste capítulo, introduzimos este assunto aqui só para esclarecermos porque Lacan fez associação ao hieróglifo e ao nome próprio quando se refere aos FPS.

Após falar sobre a questão da escrita e do hieróglifo, Lacan (1975/1998a) articula que os FPS devem ser trabalhados na vertente do gozo e questiona: qual a espécie de gozo que se encontra no psicossomático?

Em psicanálise, o gozo mantém uma relação com o corpo, só se pode gozar através de um corpo. No *Seminário 20, Mais, ainda*, Lacan considera “a substância do corpo, com a condição de que ela se defina apenas como aquilo de que se goza. Propriedade do corpo vivo, sem dúvida, mas nós não sabemos o que é estar vivo, senão apenas isto, que um corpo, isso goza.” (Lacan, 1972/2008, p. 29).

O gozo não é de entrada do Outro [...] O ponto de partida, tratando-se do gozo, é o corpo. O que toma o lugar do desejo é o desejo do Outro e no tocante ao gozo é que o gozo só se apreende através do que é corpo, que só um corpo pode ou não gozar. (Miller 1984, p. 150).

O gozo não está relacionado com o significante como o desejo; a relação existente entre significante e corpo é uma relação de exclusão. O sujeito, ao aceitar a linguagem, aceita também abrir mão de seu gozo e a partir dali gozar parcialmente através das ditas zonas erógenas. O significante, ao ser introduzido no sujeito, opera um rechaço do gozo, o gozo que habitava o corpo, agora habita fora dele. Porém, essa perda de gozo não é o fim de tudo, o sujeito goza ainda parcialmente através de um resto de gozo, que está presentes nas zonas erógenas do corpo. Segundo Miller (1984), o significante é algo que separa corpo e gozo.

[...] a incorporação da estrutura de linguagem exerce sobre o corpo um efeito preciso, que é a separação do corpo e do gozo, princípio a que se pode chamar sua evacuação, seu esvanecimento o fato deste gozo estar reservado a certas zonas do corpo, ditas zonas erógenas por Freud. E isso conduz a supor o corpo - eu desenvolvi recentemente este tema - como deserto de gozo [...] (Miller, 2003, p. 92)

Esse é o preço que o ser humano paga por estar inserido na linguagem, o de ter um gozo limitado. Através da extração do objeto a, ocorre a expulsão do gozo do corpo e o que resta deste corpo é denominado, de acordo com Miller (2003), de conjunto vazio do corpo.

Para Lacan, no ser falante o organismo é o corpo mais a libido extracorpórea, como extracorpóreos são os objetos a. Se a linguagem produz sobre o corpo o efeito de esvaziamento de gozo, este esvaziamento se deve ao fato de que este gozo está reservado para as zonas erógenas do corpo (Fux, 2000, p. 72).

O gozo em psicanálise não é sinônimo de prazer, muito pelo contrário, ele é oposto ao bem-estar, equivale ao temor de gozar, e está relacionado ao desprazer do sujeito e ao prazer do inconsciente.

Segundo Lacan, o FPS traz um gozo específico. Como seria este gozo? O que ele teria

de específico? Em que ele pode ajudar na problemática de um tratamento possível para os FPS?

Nos FPS, há uma fixação de gozo, segundo Miller (2003): o gozo que deveria ser rechaçado para as zonas erógenas faz retorno no corpo próprio. Através da incorporação de um significante, ocorre uma fixação, que tem como seu produto um gozo retornado, “o gozo que normalmente é separado faz retorno ao corpo, produzindo um ataque a algum órgão, erogeneizando-o.” (Fux, 2000, p. 72). Segundo Fux (2000), a fixação significante gera um curto circuito corpo-organismo: o órgão fixado deixa de pertencer ao organismo, é extraído deste, causando uma incorporação da libido onde deveriam habitar apenas significantes.

Evocamos a propósito da esquizofrenia – e é legítimo fazer também o mesmo a propósito do fenômeno psicossomático – uma certa forma, um modo específico de reentrada do gozo no corpo. Não temos, porém, no fenômeno psicossomático o gozo fálico da esquizofrenia, nem aquele, temporalmente alternativo, da paranoia: não temos uma deslocalização do gozo, com também não temos sua localização “normal” sobre as chamadas zonas erógenas – temos uma localização deslocada, um ataque localizado no corpo. (Miller, 2003, p. 93)

O organismo é algo que vai além dos limites do corpo. Isso ocorre porque ele é formado pela junção corpo mais o órgão, e neste órgão se inclui a libido que é um órgão incorpóreo, irreal (Miller, 2003). Segundo Lacan (1960/1998e), ser um órgão irreal não equivale a ser imaginário, ao contrário, esse órgão irreal está relacionado ao real.

Para Lacan (1960/1998e), a libido é essa parte do vivo que se perde ao aceitar entrar na trama dos sexos, em outras palavras, ser um sujeito sexuado, dividido pelo significante.

A libido está intimamente ligada à questão da morte para o sujeito. Segundo Harari (1990), por fazer parte de uma espécie em que se nasce, cresce, se reproduz, envelhece e morre, o sujeito se difere das que se reproduzem por cissiparidade, em que o organismo se divide em duas células, sendo assim imortal. “Desse modo, o indivíduo não desaparece, uma vez que se converteu em dois; aqui não há morte do indivíduo da espécie” (Harari, 1990, p. 233). Na reprodução sexuada o que está em jogo é justamente uma perda, é preciso que algo ou alguém morra, para que seja possível viver como ser sexuado. Harari (1990) dá o exemplo de que no sujeito sexuado, o nascimento de uma criança requer que um ser da geração anterior desapareça, morra. A instauração da sexualidade conduz à instauração da morte.

A libido é a lamela que o ser do organismo desliza até seu verdadeiro limite, que vai mais longe do que o corpo. Sua função radical no animal se materializa, nessa etologia, pela súbita queda de seu poder de intimidação nos limites de seu território[...] O sujeito falante tem o privilégio de revelar o sentido mortífero desse órgão e, através disso, sua relação com a sexualidade. Isso porque o significante

como tal, barrando por intenção primeira o sujeito nele fez penetrar o sentido da morte. (A letra mata, mas só ficamos sabendo disso pela própria letra). (Lacan, 1960/1998e, p. 862/863).

Esse órgão que deveria ser perdido, rechaçado do corpo, localizado como irreal e presentificado nas zonas erógenas, nos FPS faz um retorno no corpo, ficando o sujeito doente pela linguagem.

Através da figura abaixo apresentada por Miller (2003), podemos compreender como seria o corpo no ser falante e o que ocorre com o corpo quando se trata dos FPS (Figura 12):

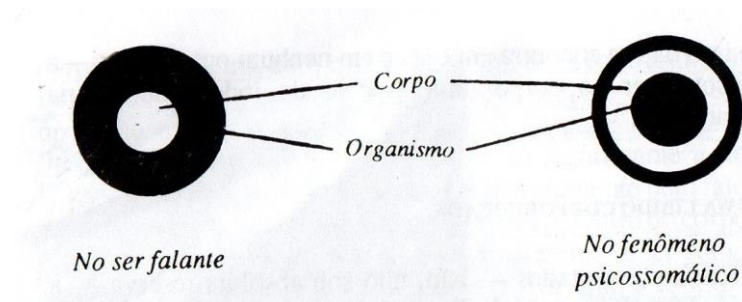


Figura 12: Corpo e organismo nos seres falantes e nos FPS
Fonte: Miller, 2003, p. 96

De acordo com Fux (2000), a cifra de gozo presente nos FPS não passa pelo significante e tampouco pela subjetivação do desejo. É como se fosse uma contagem absoluta de gozo, um a um, que não forma um conjunto, e uma contagem infinita, que não conta com um mediador para limitar o gozo do sujeito.

Em sua dimensão de transbordamento, quer dizer, sem borda, o gozo é algo bastante problemático. Quando o gozo retorna ao corpo próprio estamos diante do gozo do Outro, perante o qual o sujeito vai se esvaecendo sem saída, sendo devorado pelo Outro, pelo desejo inquestionável do Outro.

Há aí uma cifra de gozo que não passa pelo significante, não passa pela subjetivação do desejo. É como se fosse uma contagem absoluta de gozo, que pode surgir em surtos inesperados e sucessivos, um seguido dos outros. Enquanto o sujeito não puder ter uma relação dialética com o Outro, ele se posiciona como vítima do gozo obscuro desse Outro, que, por sua crueldade, lhe desejaria o mal. A zona afetada, então, seria a materialização do gozo de uma parte do corpo do Outro. Haveria aí uma espécie de submissão ao imperativo do gozo do Outro. (Fux, 2000, p. 72)

O gozo do Outro está fora do simbólico, não se articula pelo significante e está relacionado ao UM. Segundo Soler (1996), o UM relacionado aos FPS é o Um aritmético, que seria o UM como simples traço de numeração.

Soler (1996) faz essa afirmação partindo do princípio dos nós borronianos. Ela

assevera que existem dois tipos de achatamentos que se dão no círculo do imaginário. O primeiro é referente ao sentido, que está relacionado com a união entre o imaginário e simbólico, e o segundo é o gozo do Outro (JA), que se encontra entre o imaginário e o real (Figura 13).

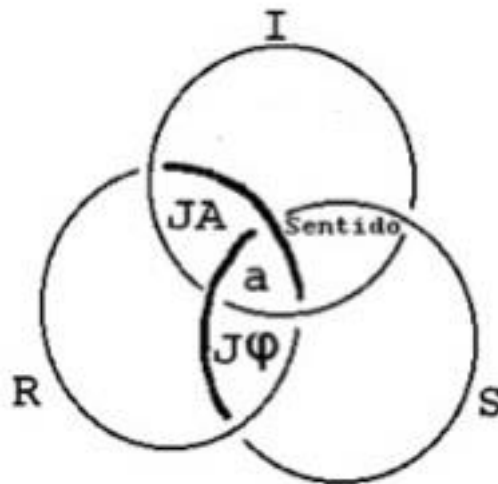


Figura 13: Nó borromeano
Fonte: Soler, 1996, p. 67

O FPS está inserido no gozo do Outro, “o único que se inscreve no imaginário, fora daquele que se aferra ao sentido.” (Soler, 1996, p. 67). Esse gozo é deveras problemático, pois se encontra fora do simbólico, porém, no corpo. Enquanto o gozo fálico ($J\phi$) se fixa em uma letra que ex-siste no inconsciente, formando assim o sintoma, nos FPS ocorre a fixação de um traço tomado através do gozo do Outro, que constitui o corpo do Outro. (Soler, 1996).

O corpo enquanto Outro, eis a premissa dos fenômenos psicossomáticos. Para Miller (2003), a lesão psicossomática produz um curto circuito no corpo, não coloca em questão o desejo do Outro, mas opera um contornamento do Outro, do significante. O que está em questão nos FPS é “que o Outro é o corpo próprio” (Facury, 2011, p. 71).

O mimetismo é algo evocado frequentemente no que diz respeito aos FPS. Nessas condições o sujeito funcionaria como uma parte do corpo do Outro. É comum em pacientes acometidos por esse fenômeno, relatarem que algum parente ou alguém próximo sofre do mesmo mal que ele.

Jean Guir (1988), em seu livro *A psicossomática na clínica lacaniana*, faz referência ao mimetismo, ao dizer que as localizações anatômicas das lesões remetem frequentemente “ao corpo de um membro da família ou do cônjuge, a zona corporal, remanejada pela lesão, invoca *um outro corpo*, que apresenta do mesmo lado uma marca localizada (Guir, 1988, p.

38-39). O autor afirma que o sujeito acometido pelos FPS funciona dessa forma como um pedaço do corpo do Outro.

Em alguns acontecimentos traumáticos, como a perda de um ente querido, pode ocorrer de o sujeito se identificar à cena referente ao trauma e incorporar esse Outro traumático, que não dá saída ao sujeito a não ser gozar de um corpo que é estranho a ele, que não lhe pertence, sendo essa a única saída de passar por este luto que não pode ser subjetivado e funciona como “uma resposta aberrante de um luto impossível” (Fux, 2000, p. 73).

Fux (2000) trabalha o caso de uma mulher que perdeu o marido em um acidente de carro e que, por mimetismo, se torna idêntica ao cadáver do marido, politraumatizado.

Confrontada ao horror do real, tendo experimentado bem de perto a sensação de morte iminente, era este gozo que dava consistência ao seu ser, ou seja, ela passara a existir através da dor e da imagem de seu corpo enfermo e sofrido. A morte existe. Agora ela sabe. A dialética vida-morte era, então, mediada pela doença numa espécie de tentativa de controlar e regular o tempo, mantendo os traços no corpo de uma fixação dos fatos passados, pois as localizações anatômicas das suas lesões remetiam ao corpo-defunto do marido, que morreu politraumatizado. Seu corpo sofredor trazia assim à luz, aos olhos de todos, a tragédia de um homem, do “seu” homem. Funcionava desta forma como um empréstimo a um corpo decomposto, sem vida, “inválido”. Na ilusão de se ver sendo vista, ancorada no olhar silencioso do Outro, exibia seu corpo deformado e esqualido, ostentando no campo escópico o seu modo específico de gozar. (Fux, 2000, p. 73).

Ao fim de sua discussão sobre os FPS, em sua *Conferência em Genebra sobre o sintoma*, Lacan (1975/1998a) assevera que o FPS “é algo que, de todo modo, no seu fundamento, está profundamente arraigado no imaginário” (Lacan, 1975/1998a, p. 14).

Neste trabalho já relatamos algumas questões do FPS com o imaginário, ao trabalharmos o gozo do Outro, todavia, ainda temos algumas considerações a fazer sobre essa colocação de Lacan.

O significante, quando é desvestido de seu valor simbólico, se imaginariza. De acordo com Ribeiro (1996), o significante absoluto, S1, não representa o sujeito e se inscreve no registro imaginário do corpo, ali onde o simbólico não compareceu.

Assim, nos fenômenos psicossomáticos, o sujeito da história é a própria lesão ou a doença e não um sujeito. O corpo passa a ser o protagonista da história, de uma história de dor e sofrimento, que mostra na carne aquilo que as palavras não dão conta de dizer, de subjetivar. Segundo Fux (2000), a lesão psicossomática pode produzir uma sideração que conduz o sujeito a esquecer sua história ou a se fixar em uma parte dela, “mantendo-se ensimesmado em torno do gozo da doença” (Fux, 2000, p. 73).

A especificidade do gozo relativo ao FPS está em sua localização, em sua introjeção. Ele é um gozo que aponta para a morte, demonstrando assim a incompatibilidade existente

entre ele e o corpo. Contudo, existe um caminho possível para essa batalha travada entre corpo e organismo. Lacan (1975/1998a) afirma que é pelo viés do gozo específico que é preciso abordar o fenômeno psicossomático.

A intervenção da psicanálise deve traçar o caminho de fazer com que esse gozo presente nos FPS, que é o gozo do Outro, possa ser dialetizado, tentando construir uma abertura para o desejo e para que o inconsciente exista. Ao acreditarmos na invenção, na surpresa, no mal-entendido, passamos de um gozo fixado a uma questão sobre o desejo, que possa em sua função metonímica, abrir um buraco, uma hiância, por onde seja possível a existência do sujeito no lugar em que existia apenas uma doença.

Todavia, devemos lembrar que não se deve tratar um doente psicossomático da mesma forma que intervimos em uma análise com um paciente neurótico. A psicanálise, em sua clínica do caso a caso, compreende que os fenômenos psicossomáticos estão na ordem do real, que eles mantêm com a linguagem uma relação de borda, sendo assim impossível tratá-los pela via do sentido. Contudo, alguns autores afirmam que apesar de não estarem inseridos no simbólico, a saída possível para os FPS seria através do significante, porém, não por um significado, mas sim, encontrando algo no discurso do sujeito que acarretaria um enigma sobre o desejo.

A terapêutica neste caso, sinaliza a possibilidade de um tratamento pela via da inscrição simbólica, visando à retirada ou mesmo à redução desse gozo que fere a carne. De acordo com essa hipótese, o sujeito torna-se capaz de bordejar suas próprias angústias por meio da fala em análise, esvaziando o gozo específico de sua lesão e diminuindo, também, as passagens ao corpo que as engendra. No lugar dessas lesões e da ausência do desejo que se observa, deve surgir um sintoma neurótico. Caberia ao analista, portanto, provocar no sujeito uma demanda, um enigma a ser decifrado, facilitando a formação de novas cadeias e o deslizamento dos significantes, anteriormente cristalizado. (Coopedê e Dunker, 2011, p. 257).

Podemos pensar que pela via da holófrase a cadeia significante fica comprometida, por isso seria inviável trabalhar com um doente psicossomático do mesmo modo que com um neurótico. Nos FPS, pela ocorrência da holófrase, a representação do sujeito não se dá, ou se dá de forma problemática, sendo a busca pelo sentido algo em vão. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que existe um sujeito psicossomático?

Essa é uma questão por vezes delicada, pois como dizer que não há sujeito em psicanálise? E também como dizer que há, visto que não ocorre a representação do sujeito pelos significantes?

Se pensarmos, de acordo com o primeiro ensino de Lacan, que está relacionado com o significante, não teríamos dúvidas em responder que nas séries de casos em que ocorre a

holófrase o sujeito não estaria posto, visto que ela tampona o acesso ao inconsciente e ao sujeito. Todavia, a teoria lacaniana não se resume ao significante. Lacan avança na sua clínica, principalmente após sua viagem ao Japão, ao perceber que o sujeito japonês “se apoia em um céu constelado para construir sua identificação” (Cordeiro, 2015, p. 108). Segundo Soller (1994), o UM do significante, que antes era visto como uma anomalia, um problema, que seria um fenômeno de cadeia quebrada e faria esse um significante retornar no real, no último ensino de Lacan está associado ao gozo e ao sintoma, relacionando-se com a língua, “lugar dos UNS de pura diferença, onde o gozo se deposita sobre os sintomas” (Soler, 1996, p. 66).

Pensando nesses dois momentos do ensino de Lacan, achamos, por vezes complicado afirmar que não haveria um sujeito no que diz respeito aos FPS. Preferimos partir do pressuposto de que nesses casos o sujeito se dá de forma problemática. Alguns autores partindo da holófrase, afirmam que não haveria um sujeito psicossomático. Essa afirmação é válida, visto que a holófrase não dá espaço para o advento do sujeito, todavia, preferimos ter cautela ao tratar sobre este assunto.

Agora, iremos passar à contribuição dos psicanalistas lacanianos que se dispuseram a discutir, escrever e pesquisar sobre os FPS, através das orientações lacanianas e trouxeram uma grande contribuição para a pesquisa sobre os FPS, entre os quais incluem-se Jacques Alain Miller, Erick Laurent, Patrick Valas e Jean Guôr.

3.4 Psicanalistas lacanianos e os FPS

3.4.1 Jacques-Alain Miller: FPS e metáfora paterna e subjetiva - afeto e emoção

Ao longo deste trabalho já trouxemos alguns comentários de Jacques-Alain Miller sobre os FPS; não iremos retomar o que já foi dito até o presente momento. Vamos trazer agora as contribuições que ele faz sobre a relação entre os FPS e as metáforas paternas e subjetivas, bem como sobre o afeto e a emoção.

Em seu texto *Algumas reflexões sobre os Fenômenos psicossomáticos*, Miller (2003) afirma que nos FPS a metáfora paterna e a metáfora subjetiva sofrem uma modificação. Segundo ele, existem dois pontos onde essas metáforas podem ser atacadas. Antes de entrar na discussão sobre o que ocorre com as ditas metáforas nos FPS, achamos necessário nos perguntarmos: em psicanálise o que seria a metáfora paterna e a subjetiva? Qual a função dessas duas metáforas em psicanálise? E por que os FPS colocam em cheque essas metáforas?

Em vista disso, iremos trabalhar esses dois termos que são caros à psicanálise de orientação lacaniana.

A metáfora consiste em atribuir a uma pessoa ou coisa uma qualidade que não lhe cabe logicamente. Essa transferência de significado de um termo para outro se baseia na semelhança de características que o emissor da mensagem encontra entre os dois termos comparados. Portanto é uma comparação de ordem subjetiva. (Farraco e Moura, 1991). Na base de toda metáfora está um processo comparativo.

Quando dizemos “ele é um leão”, estamos falando de forma metafórica, substituindo os termos bravo, forte, feroz, pela palavra leão. O ponto de intersecção entre as palavras “ele” e “leão” justifica a metáfora, pois é na intersecção que se situa a possibilidade de aproximar diretamente os seres envolvidos na comparação (Figura 14). (Farraco & Moura, 1991).



Figura 14: Representação gráfica da metáfora
Fonte: Farraco & Moura, 1991, p. 441

No *Seminário 5: As formações do inconsciente*, Lacan (1957-1958/1999) discute o que é o pai em psicanálise, mais especificamente, o que seria o pai no Complexo de Édipo.

Ele assevera que o pai não é um objeto, nem tampouco um objeto ideal. Ele é o pai simbólico, e sua função se dá através de uma metáfora. A essa metáfora é dado o nome de metáfora paterna.

Segundo Lacan (1957-1958/1999), uma metáfora ocorre através da substituição de um significante por outro. A função do pai no Complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante, o significante materno. Através da fórmula da metáfora (Figura 15), “o pai vem no lugar da mãe, S em lugar de S’, sendo S’ a mãe como já ligada a alguma coisa que era x, ou seja, o significado na relação com a mãe.” (Lacan, 1957-1957/1999, p.180).

$$\frac{\text{Pai}}{\text{Mãe}} \cdot \frac{\text{Mãe}}{x}$$

Figura 15: Fórmula da metáfora paterna
Fonte: Lacan, 1957-1958/1999, p. 180

É a mãe que vai e vem. É nesse vai e vem da mãe que se coloca a questão do significado. A criança pergunta: Por que ela vai e ela vem? Qual é o significado? O que deseja essa mulher? A criança gostaria que esse desejo da mãe fosse endereçado a ela, fosse ela, porém, com suas idas e vindas, a mãe pontua que há algo além da criança, ela aponta que não é no nível da criança que seu desejo é satisfeito, há outra coisa que mexe com ela – é o x , o significado. O significado das idas e vindas da mãe é o falo. (Lacan/ 1957-1958/1999).

A via simbólica é a via da metáfora. É na medida em que o pai substitui a mãe como significante que vem a se produzir o resultado comum da metáfora (Figura 16). O elemento significante intermediário cai, e o S (significante paterno), se apodera, pela via metafórica, do objeto de desejo da mãe, que é representado pelo falo. (Lacan, 1957-1958/1999).

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \rightarrow S \left(\frac{1}{s'} \right)$$

Figura 16: Fórmula do resultado da metáfora paterna
Fonte: Lacan, 1957-1958/1999, p. 181

O Nome-do-Pai, ao substituir o desejo sempre enigmático da mãe, introduz a significação fálica no lugar do Outro, produzindo-se o enlaçamento do desejo com a lei, cujo efeito é a localização do gozo fora do corpo. O Nome-do-pai simboliza no falo o gozo que parasita o corpo do sujeito, dando-lhe um sentido. O que a mãe quer é o falo constituído pela imagem do órgão que, presente no corpo do homem, a faz incompleta. Portador do falo, o pai priva a mãe em um duplo sentido: ele interdita à criança sua busca infinita e incestuosa de se fazer, ela mesma, objeto do desejo da mãe, e priva a mãe do objeto fálico”. (Oliveira, 2012, p. 02)

Segundo Oliveira (2012), na metáfora paterna o pai é reduzido ao nome, reduzido a um puro significante, o significante do Nome-do-Pai (NP), e a mãe está relacionada à questão do desejo, sendo representada pelo significante do desejo da mãe (DM) (Figura 17). A substituição significante tem por efeito “ordenar o Outro da linguagem (A) com o significante do desejo (Φ). Através dela, o outro é reduzido à ordem simbólica e o desejo a um efeito de sentido” (Oliveira, 2012, p. 02).

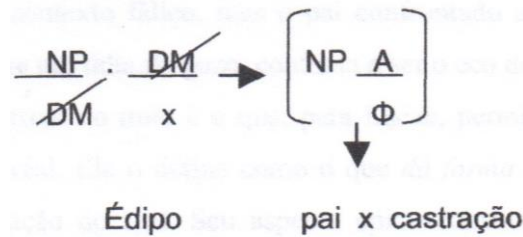


Figura 17: Fórmula da metáfora paterna 2
Fonte: Oliveira, 2012, p. 3

O Nome-do-Pai é o significante que ordena e autoriza o desejo. É através dele que a via do desejo é possível. Para que o sujeito entre na trama de se tornar sujeito, é necessário que algo seja perdido, esse algo a ser perdido é a mãe enquanto proibida pelo pai. É a lei, enquanto interdição do incesto que vai colocar o sujeito na via de ser desejante.

É porque a mãe é proibida pelo pai [...] que ela se converte no objeto perdido que faz existir o desejo, representado pelo falo [...] A lei paterna funda o desejo sobre um a menos de gozo, ou seja, sobre uma castração imposta pelo pai. Na metáfora paterna, encontram-se articulados o pai e a castração. (Oliveira, 2012, p. 03).

O pai enquanto função simbólica está relacionado à nomeação, é o pai que transmite o nome. O Nome-do-Pai é o significante que mortifica o gozo, fazendo com que o destino deste seja localizado fora do corpo. É o enlaçamento do desejo com a lei que torna possível que o gozo migre para fora do corpo, todavia, esse enlaçamento só é possível porque o significante do Nome-do-pai funcionou como interdição ao desejo da mãe. “Essa redução do pai ao nome, do pai ao pai morto, torna-se o equivalente à função do que se transmite no Édipo, que não é a transmissão da vida, mas a transmissão subjetiva de um desejo” (Oliveira, 2012, p. 03).

A metáfora paterna é a leitura de Lacan do Complexo de Édipo. Ela é o que vem a substituir o desejo da mãe, instaurando a lei que limita o gozo primordial da mãe com a criança (castração), ao mesmo tempo em que instaura a metonímia do desejo ordenado pela significação fálica.

A metáfora subjetiva, por sua vez, está relacionada ao momento da representação de um sujeito, “de um significante para outro significante” (Miller 2011, p. 158).

Nos FPS essas duas formas de metáforas são atacadas. Segundo Miller (2003), nos fenômenos psicossomáticos, o ataque à metáfora subjetiva está relacionado à ausência de afânise, à holófrase e à gelificação. E o ataque à metáfora paterna coloca em questão o pai, o pai do Nome, o Nome-do-Pai.

Com a ausência metafórica, o que fica no centro da questão é o desejo do Outro, enquanto implacável, modo de gozo do Outro. Não se trata de um desejo que cause o sujeito,

para que também venha a ser desejante. É algo que aponta para a morte, pois, escolhendo a gelificação, perde-se o sentido e o ser, sendo assim, perde-se tudo.

Em seu livro *Extimidad*, Miller (2011) faz uma comparação entre afeto e sintoma e entre FPS e emoção. Através da inversão de um esquema triangular apresentado por Lacan no *Seminário 20: Mais, ainda* ele demonstra qual a relação possível entre esses quatro termos.

No afeto, trata-se de uma incidência de gozo indireto, que passa pela linguagem. (Pundik, 2001).

Na emoção, trata-se de um sentimento que atua de forma direta no corpo, sobre o corpo e que parece fazer um contornamento na estrutura de linguagem. (Miller, 2011).

Os fenômenos psicossomáticos têm como característica não manter relação com a estrutura de linguagem, operando apenas um contornamento dessa. A relação desses fenômenos com o corpo se passa como nas emoções, onde há uma incidência direta do pensamento sobre o corpo, sem nenhuma mediação simbólica.

De acordo com Pundik (2001), as emoções parecem permitir um acesso mais direto à verdade, sancionando-a, tornando-a assim, distinta do semblante. A emoção, assim como os FPS, não é da ordem do semblante. Por estar inserida no real, “esta não vacilaria na abordagem do real senão que, pelo contrário, conotaria, portanto, o limite do desvanecimento, sua incidência direta” (Miller, 2011, p. 157).

Assim como a emoção, os FPS estão na ordem do real e mantêm relação com a verdade. A verdade é algo insuportável de saber, de dizer. O sujeito acometido pelo FPS, assim como aquele que passa por uma emoção, tem como saída para esse impossível de dizer que mantém relação com o traumático, uma ligação entre pensamento e corpo que não conta com um filtro, que na teoria lacaniana chamamos de simbólico. Para abrandar esse encontro inesperado e traumático, que pode causar vertigem, sudorese, no que diz respeito à emoção, é uma doença sem uma etiologia definida que insiste, como nos casos dos fenômenos psicossomáticos: o sujeito responde com seu corpo a essa verdade que o emudece, por se tratar do insuportável de dizer, de sentir, de vivenciar.

3.4.2 Erick Laurent e o nome próprio

Em seu texto *Os Nomes do sujeito*, Laurent (2003) entra no mérito do nome próprio e sua relação com os FPS. De início, ele ressalta que existem dois tipos de nome próprio, um que é feito com o Nome-do-pai e outro sem o Nome-do-pai. De acordo com Laurent (2003),

foi através de Joyce que Lacan trabalhou com a hipótese de haver um nome-próprio feito sem o Nome-do-pai; tratar-se-ia de um “ fazer para si um nome” (Laurent, 2003, p. 28).

Ao recordar as passagens do *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Laurent (2003) faz uma associação à série de casos em que a linguagem se deu de forma problemática, que seriam: a psicose, o fenômeno psicossomático e a debilidade.

Ele afirma que é preciso diferenciar a psicose dos fenômenos psicossomáticos, e assevera que essa distinção é possível partindo-se do acento colocado por Lacan, não somente sobre a materialidade do significante, mas também sobre o real do gozo.

Através da afirmação lacaniana de que o corpo se deixa escrever algo da ordem do número, Laurent (2003) traça a sua problemática sobre os FPS e o nome-próprio. De acordo com ele, não é costume o corpo deixar escrever algo da ordem do número, “normalmente, o corpo escreve significantes” (Laurent, 2003, p. 29), tal como atribuir ao sujeito uma característica em comum com outra pessoa. Por exemplo, ao dizer “ele está careca como o pai”, traçam-se semelhanças físicas onde o traço passa no corpo.

Ao falar que o corpo se deixa escrever algo da ordem do número, de acordo com Laurent (2003). Lacan opera um avanço sobre o que esse gozo psicossomático tem de específico.

Assim, Laurent (2003), traz a hipótese de que nos FPS estaríamos diante de um Nome próprio feito sem o Nome-do-Pai e que está relacionado com o gozo. Esse nome próprio feito com o gozo seria o verdadeiro nome próprio “assim, como o nome próprio do Homem do Ratos é o rato, enquanto objeto de horror, o nome próprio que estaria em oposição ao Nome-do-Pai seria um nome composto como uma cifra particular de gozo” (Laurent, 2003, p. 29).

Nos FPS estamos diante de um confronto com o Outro, que Laurent (2003) nomeou de Outro anterior, que deixa traços, não da ordem do brasão, mas sim “de um sistema de cifragem dos números dado a formula, o número exto do gozo do sujeito. Uma espécie de economia do gozo perfeitamente escrita .” (Laurent, 2003, p.29).

Ao fim de seu texto, Laurent faz a afirmação de que não existe uma estrutura psicossomática, que essa pode ocorrer tanto na psicose quanto na neurose e na perversão, “pois não há uma estrutura do sujeito psicossomático” (Laurent, 2003, p. 23). O que há, segundo ele, é um gozo como fenômeno de borda. O que caracteriza os FPS não é uma estrutura específica e sim um gozo específico que faz a função de nomeação.

3.4.3 Jean Guir: Significante datador e foraclusão nos FPS

Jean Guir (2003) trabalha os FPS através da metáfora paterna. Ele afirma que uma falha na função paterna institui os fenômenos psicossomáticos.

Todavia, essa falha na metáfora paterna não se dá da mesma maneira nos FPS e na psicose. Guir afirma que nos FPS “a metáfora paterna funciona em certos sítios do discurso e em outros não” (Guir, 2003, p. 48). De acordo com Ventura e Nicolau (2012), os FPS se aproximam dos fenômenos elementares da psicose, por conta da foraclusão; no entanto, enquanto na psicose estamos diante da foraclusão do significante do Nome-do-pai, nos FPS trata-se da foraclusão de um significante qualquer da cadeia. Por isso, a afirmação de Guir, de que nos fenômenos psicossomáticos a metáfora paterna não funciona em certos sítios do discurso. Assim sendo, apesar da holófrase, os fenômenos psicossomáticos se distinguem da psicose: enquanto que na psicose há um enlouquecimento do sujeito, nos FPS há um enlouquecimento do corpo.

Em seu livro *A psicossomática na clínica lacaniana*, Jean Guir (1988) afirma que existem quatro tipos de significantes especiais no que diz respeito aos fenômenos psicossomáticos. São eles:

- a) *significantes relativos a datas e números*: ocorre no sujeito uma acentuação particular na cifragem dos acontecimentos de sua vida, um ponto de fixação do real sobre o corpo do sujeito. De acordo com Guir (1988), esses números estão integrados a outros significantes, a uma constelação de significantes que também estão implicados na eclosão do FPS. “É da cristalização desses significantes que o sujeito, em um dado momento de sua história, irá sofrer” (Guir, 1988, p. 36);
- b) *rebaixamento do nome próprio*: nos FPS ocorre um rebaixamento do nome próprio a uma leitura comum que desmascara o sujeito. Nesse sentido, de acordo com Guir (1988), o sujeito parece destituído de seu nome próprio e reveste-se de uma nova identidade corporal. Pode ocorrer que a eclosão dos FPS se relacione com o significante de um lugar implicado na eclosão das lesões, ou de um alérgeno “em relação às manifestações alérgicas, o nome do alérgeno, comumente, é metafórico do nome do sujeito.” (Guir, 1988, p. 37);
- c) *obrigação de ser do sexo oposto*: à injunção “seja homem”, “seja mulher”, o sujeito pode dar como resposta o gozo de um órgão, como um sofrimento que o coloca à disposição do Outro. A lesão seria uma maneira de se “transexualizar”;

- d) *holófrase*: na explicação “natural” de sua doença, é comum que os significantes apareçam em forma de holófrase.

3.5 Letra e escrita

Em função das formulações feitas até agora, pareceu-nos importante antes de concluirmos, tecer considerações sobre a letra e a escrita, de modo a podermos finalizar com uma discussão sobre os FPS e a transliteração.

3.5.1 Significante e letra em “Seminário sobre a Carta Roubada” e “Lituraterra”

O primeiro momento em que Lacan falou sobre a letra foi no texto *Seminário sobre a Carta Roubada*, de 1955. Inspirado no conto *A carta roubada* de Edgar Allan Poe, o texto faz referência a uma carta que colocava em cheque a honra da rainha, pois supostamente continha conteúdos comprometedores. Essa carta foi roubada e a polícia foi acionada para tentar recuperá-la.

E com efeito, voltando a nossos policiais, como poderiam eles apoderar-se da carta, eles que a apanharam no lugar onde estava escondida? Naquilo que reviravam entre os dedos, que outra coisa seguravam eles senão o que não correspondia à descrição que tinham dela? *A letter, a litter*, uma carta, uma letra, um lixo. [...] A espécie de dejetos que os policiais manipulam nesse momento tampouco lhes revela sua outra natureza por estar apenas meio rasgada. Um sinete diferente sobre um lacre de outra cor, e um outro estilo de grafismo no sobre escrito são, ali, o mais inquebrantável dos esconderijos,” (Lacan, 1955/1998d, p. 28)

Através desse conto, Lacan (1955/1998d) fez uma associação entre letra e significante, referindo-se à carta roubada como um significante puro, ou seja, como um S1 que não remete a um S2, como um significante que não remete a outro significante, como algo que se desloca na cadeia. Nesse momento de seu ensino, Lacan não estabelecia uma diferença clara entre letra e significante.

Anos depois, ele retornará à questão da letra, porém, agora letra e significantes serão abordados de forma distinta. “Nada permite confundir, como se tem feito, a letra com o significante. O que escrevi com a ajuda de letras sobre as formações do inconsciente não autoriza a fazer da letra um significante, e a lhe atribuir, ainda por cima, uma primazia em relação ao significante” (Lacan, 1971/2009, p. 110).

A letra, nesse momento do ensino de Lacan, ou seja, já nos anos setenta, corresponde ao litoral entre saber e gozo, separando assim dois domínios completamente distintos. Lacan

ressalta que litoral não tem nada a ver com fronteira, pois a fronteira tem como objetivo separar dois territórios homogêneos, ela “simboliza que eles são iguais para quem a transpõe, que há entre eles um denominador comum” (Lacan, 1971/2003a, p. 18).

O litoral é aquilo que instaura um domínio inteiro como formando uma outra fronteira, se vocês quiserem, mas justamente por eles não terem absolutamente nada em comum, nem mesmo uma relação recíproca. [...] O curioso é constatar como a psicanálise se obriga, como que de modo próprio, a reconhecer o sentido daquilo que a letra, no entanto, diz *ao pé da letra*, seria o caso de dizer, quando todas as suas interpretações se resumem ao gozo. Entre gozo e o saber, a letra constituiria o litoral (Lacan, 1971/2009, p. 109-110).

Lacan traça a diferença entre letra e significante, “a escrita, a letra, está no real, e o significante, no simbólico.” (1971/2009, p. 114). Disso depreende-se que “da letra como litoral faz-se literal. Sendo assim, a letra escreve, [...] a radicalidade da diferença de consistência entre saber, elucubração em torno da verdade, e gozo, desfrute do que essa verdade tem de inacessível” (Nicolau & Guerra, 2012, p. 233).

Lacan, em *O Seminário, livro 18 De um discurso que não seria o do semblante*, no capítulo *Lituraterra*, faz referência à letra em três aspectos, respectivamente: *litura* - rasura, *litoral* - borda e *lixo*. Como rasura está relacionada ao apagamento, como litoral, faz borda e como lixo encontra sua dimensão de dejetivo associado ao objeto a. (Assadi, 2011).

Lacan (1971/2009) assevera que a língua japonesa é constituída pela escrita. De acordo com Nicolau e Guerra (2012), a escrita é um registro de linguagem que não se confunde com ela. Nesse momento de seu ensino, Lacan (1971/2009) articula que o real é fixado por uma escrita de outra ordem (que não a dos significantes), uma escrita desprovida de sentido, porém, que tem efeitos no real (Manso & Caldas, 2013). A escrita passa a ter o estatuto de ser aquela em que a letra toca o real e causa gozo: “uma escrita de gozo, mais apropriada ao objeto da psicanálise, e que ele vai conceber segundo o modelo da escrita matemática” (Manso e Caldas, 2013, p. 117).

Eis que introduzo nesse ponto de meu discurso deste ano – só existe questão lógica a partir do escrito, na medida em que o escrito, justamente, não é a linguagem. Foi nesse sentido que enunciei que não existe metalinguagem, está aí para nos mostrar que, se é do escrito que se interroga a linguagem, é justamente porque o escrito não é linguagem, mas só se constrói, só se fabrica por sua referência à linguagem (Lacan, 1971/2009, p. 60)

Lacan (1971/2009), em sua viagem ao Japão, mais precisamente em sua viagem de volta, ao passar pela planície siberiana onde avistou entre nuvens o “escoamento das águas sendo o único traço que aparece no relevo siberiano” (Cordeiro, 2015, p. 84) traça uma diferença entre rasura e traço.

De acordo com Cordeiro (2015), pelo fato de o avião ter furado as nuvens, fez com que os filetes de água aparecessem e desaparecessem, criando um campo separado que não reluz, efeito de litoral. Ao associar o escoamento com um buquê, Lacan retoma as duas vias principais da gênese do sujeito: “o traço primário e o que o apaga, a marca característica do traço unário e o apagamento da marca” (Cordeiro, 2015, p. 84), que é o que designa o sujeito.

Que é o escoamento? É um buquê? Compõe um buquê com o que distingue, noutra lugar, pelo traço primário e por aquilo que ele apaga. Eu disse, na época, mas as pessoas sempre esquecem uma parte da coisa, eu o disse a propósito do traço unário: é pelo apagamento do traço que o sujeito é designado. Isso é marcado em dois tempos. É preciso, portanto, que se distinga aí a rasura. (Lacan, 1971/2009, p.113).

Ao avançar em suas teorizações, Lacan (1971/2009) equivale letra e rasura e as distingue do traço “*litura, lituraterra*. Rasura de traço algum que seja anterior, é isso que do litoral faz terra. *Litura pura* é o literal” (Lacan, 1971/2009, p. 113). Cordeiro (2015) assevera que nesse momento Lacan faz um salto abrupto para a caligrafia.

A caligrafia “consiste em produzir sozinha, definitivamente uma rasura sem a anterioridade do traço” (Cordeiro, 2015, p. 84). A letra sendo rasura remonta a uma terra como “uma sucessão de traços que se recobrem, cada um deles buscando em seu gesto, como tentativa de aproximação, a palavra apropriada para designar aquilo que se quer dizer” (Cordeiro *apud* Mandil, 2015, p. 85), associando assim ao impossível de se escrever. A caligrafia se refere a uma rasura sozinha. (Cordeiro, 2015).

Através da *Comédia das Nuvens* de Aristófanes, Lacan (1971/2009) faz alusão a que o semblante e o significante, ao se romperem, como as nuvens deixam cair gotículas de significantes que fazem sulco na terra por onde escorre o gozo.

De acordo com Nicolau e Guerra (2012), a letra enquanto referência do sistema significante opera de forma distinta para cada sujeito, “escrevendo as vias de suas possibilidades de gozo” (p. 235). De acordo com as autoras, na metáfora das nuvens de Lacan, a chuva de linguagem faz escrita de gozo; porém, a leitura do riacho está para além do efeito da chuva, apontando assim para o gozo que pode se dar de forma distinta em cada sujeito, dependendo do resultado da operação do significante neste.

A dimensão da letra enquanto real cria uma marca, um rastro, um sulco, que se relaciona a algo que não é verbalizado, e permanece como apagado, como um resquício de que algo esteve ali, marcando esse sujeito de alguma forma. Todavia, quando esse traço, ou melhor, como diz Miller (2011) em espanhol (acho o termo em espanhol mais adequado), quando esse rasgo se dá na carne, segundo Nicolau e Guerra (2012), aponta para um gozo que

é denominado fenômeno psicossomático.

É sobre este gozo e sua relação com a escrita que iremos trabalhar agora.

3.5.2 O FPS, o escrito e a transliteração

Nos FPS, estamos diante de uma forma de gozo que não se dá a ler. É algo escrito no corpo; há uma indução significativa, porém de um significante absoluto, único, que não representa o sujeito para outro significante. Esse significante Um faz marca no sujeito, todavia, esta marca é da ordem da lesão, uma escrita na carne que sofre e goza, apontando para uma forma específica de gozo que está inserida no corpo do sujeito. É impossível decifrá-la na medida em que há um rechaço do S2, que fica impedido de exercer a sua função enquanto significante paterno, que tem como função algo que aponta para o desejo e a substituição de um significante por outro, e que mantém relação com o sentido.

O gozo específico do psicossomático, sua fixação, aponta para uma falha na metáfora paterna, no Nome-do-pai. Nos FPA, a função de nomeação é algo comprometido. Na maioria das vezes, o sujeito acometido pelo fenômeno psicossomático faz da doença seu Nome próprio, com a impossibilidade de uma nomeação dada pelo pai. Através da falha na metáfora paterna, a doença fica sendo o sujeito da história, a fala se fixa em um ponto da história do sujeito, na maioria das vezes relacionado à doença, ficando o sujeito à mercê de um corpo que é estranho a ele, “ constituindo-se como signo bizarro sobre o corpo, uma vez que as lesões são traços inscritos, mas pré-significantes” (Nicolau, 2008, p. 981).

Nesse gozo psicossomático, as lesões são traços escritos no corpo, porém pré-significantes, que correspondem à assinatura; sendo assim, não têm valor de significante. (Nicolau, 2008). Isso que faz traço sobre o corpo não é da ordem da decifração (cifração de sentido) como no sintoma e nem tampouco da ordem do delírio, como na psicose.

Na psicose, estamos diante da foraclusão do Nome-do-Pai, o que dá como saída para o sujeito a via do delírio, ou seja, o que é forcluído no simbólico retorna no real, e o retorno se dá na constituição do sujeito, o qual, sem ter onde se amarrar, constrói sua saída através de um delírio. Nos fenômenos psicossomáticos ocorre a foraclusão de um significante qualquer. Como nos advertiu Guir, (1988), esta é a grande diferença entre psicose e FPS, enquanto que na psicose ocorre o enlouquecimento do sujeito, nos FPS o que enlouquece é o corpo. A saída do sujeito nos FPS não se dá via delírio, ela está relacionada a uma escrita no corpo, que não tem sentido, e que ocorre através de uma libido retornada no corpo e que acarreta lesões. Se na psicose estamos diante da passagem ao ato, nos FPS nos deparamos com uma passagem ao

corpo. Trata-se de uma letra encarnada, que não se dá a ler, fazendo com que o sujeito padeça diante de um enigma que o direciona para a morte.

Na psicose, a ausência da metáfora paterna torna o gozo submetido ao gozo do Outro, não permitindo a emergência do sujeito. No fenômeno psicossomático, embora a localização do sujeito seja problemática, na medida em que os significantes primordiais estão holofraseados, esta falha incide apenas sobre uma parte do corpo, sobre um ponto específico do discurso do sujeito. [...] Desta forma, apenas um ponto da realidade obedece à lógica forclusiva. Isso retira o sujeito do campo da psicose. (Nicolau & Guerra, 2012, p. 230).

Como falar de um tratamento possível no que se refere aos FPS? Já foi dito nesta dissertação que devemos apontar para algo na dimensão do desejo, que comporte um enigma para o sujeito, desfazendo a holófrase e dando lugar ao sujeito, onde existia apenas uma lesão. Todavia, Lacan nos dá poucas dicas de como tratar esse fenômeno, ele só afirma que devemos trabalhar os FPS através do gozo específico, mas como operar isso, ele deixou em suspenso.

De acordo com Ventura e Nicolau (2012), o tratamento possível poderia se dar através da passagem de uma escrita a outra, nomeada por Allouch (2007) de transliteração. “A transliteração pode ser entendida como uma forma de passagem de uma escrita para outra, uma interpretação regulada pela letra, isto é, uma escrita é submetida por outra. Transliterar significa lidar com aquilo que é impossível de dizer, lidando com o não sentido” (Ventura & Nicolau, 2012, p. 8).

Passar de uma letra a outra pode ser um manejo possível para a transferência, no que diz respeito aos FPS, visando sempre o sem sentido, uma interpretação regulada pela letra. Não se trata de procurar um sentido, mas de levar em consideração “a lógica da quantificação, através da operação de uma escrita de gozo”. (Ventura & Nicolau, 2012, p. 8).

Dessa forma, a letra vira uma fonte interpretativa, em que o analista faz sua escuta pela supressão da letra e pela ênfase na palavra, marcando sua escrita. Assim, será possível fazer com que o nome próprio perca seu estatuto gelificado e isso conduza o sujeito à apropriação do nome próprio. Esse foi o rasto deixado por Assadi (2011). Nós seguimos esse rastro a fim de pensarmos um tratamento possível para o sujeito acometido pelos FPS pelo viés da letra, seguindo a fala de Lacan, segundo a qual o FPS é algo escrito para não ser lido. Este trabalho foi a nossa tentativa de pensarmos os FPS pela vertente do objeto a e da letra. Os FPS, como uma escritura, precisam ser decifrados, dando acesso ao sujeito pela via do inconsciente. Porém, sua leitura é desconhecida, como a de um hieróglifo. Neste trabalho, tentamos fazer como Champollion, e passar de uma escrita que não conhecemos, não deciframos, a algo mais familiar, que dê acesso ao inconsciente, de uma forma que seja

diferente do manejo na clínica da neurose, que visa o sentido, mas que seja algo que também se dê de forma distinta das psicoses, visto que devemos trabalhar os FPS pela via da letra, pois o que está em jogo é uma escrita no corpo e não um delírio.

4 MOMENTO DE CONCLUIR

Um enigma é algo que instiga a maioria das pessoas independentemente da idade, sejam crianças ou adultos. Nós seres humanos, temos a necessidade de sempre aprendermos mais e conquistarmos novos desafios, estamos sempre à procura de um saber que por vezes nos escapa, demonstrando o nosso limite enquanto seres de linguagem.

O ser humano está sempre correndo atrás de seu elo perdido, porém, o que ele realmente procura, nunca encontrará novamente. É por nossa posição de faltosos e incompletos que buscamos, como a última peça de um quebra-cabeça, completar esse enigma que vivenciamos todos os dias em relação ao saber e à verdade. Já dizia Lacan (1993): “Digo sempre a verdade, não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível materialmente: faltam palavras” (Lacan, 1993, p.11). Podemos buscar esse “algo perdido” de várias formas e acreditamos que a pesquisa é uma forma de tentarmos recuperar isto que nos foi usurpado e que se relaciona com o saber.

Esta pesquisa foi uma tentativa de bordejar um fenômeno que se colocou como um enigma, indecifrável, sem sentido, que tem como saída o corpo. Foi impossível resistir ao desejo de pesquisar e tentar bordejar esse fenômeno que por vezes nos escapa. Este trabalho foi realizado através de um estudo teórico.

Para compreendermos melhor o que seria este fenômeno denominado psicossomático, foi preciso, em primeiro lugar, compreendermos o que seria o corpo em psicanálise e sua distinção diante do corpo trabalhado pela medicina.

Um corpo que pulsa, que goza, e que está situado em três registros, imaginário, simbólico e real, não pode ser confundido com um organismo, um pedaço de carne, que tem suas funções pré-determinadas e que funciona como uma máquina, sem nenhuma subjetividade. O corpo em psicanálise é algo construído através da incorporação da estrutura de linguagem, é através do rechaço do gozo para as zonas erógenas que se constitui um corpo. Por isso, Facury (2011) nos adverte que o sujeito não é um corpo, e sim, ele tem um corpo.

Para pensar os fenômenos psicossomáticos e sua relação com o objeto a, foi necessário passarmos pelas operações de causação do sujeito: a alienação e a separação.

Através da operação de alienação, ocorre a indução de um significante que vem do campo do Outro, que passa a ser intermediário entre o sujeito e o Outro; porém, é preciso um segundo significante para que o sujeito seja representado. Quando ocorre uma falha nessa operação e a afânise não é acionada, ocorre a holófrase, a gelificação dos significantes (S1 S2); onde deveria haver uma brecha para advir o desejo, ocorre a interdição da extração do

objeto a, objeto causa de desejo.

Nos FPS, a operação de separação é impedida de acontecer, pelo efeito da holófrase. Essa operação, que tem como ponto principal o encontro de duas faltas, a do sujeito e a do Outro, necessita que esta falta seja representada através de um questionamento que é endereçado do sujeito ao Outro: “Ele fala isso... mas afinal o que ele quer de mim?” É no para além ou aquém do discurso do Outro que o *infans* tenta achar, através das brechas, o que seria o desejo deste. Todavia, essa dimensão da falta não aparece nos FPS. O sujeito fica enquanto não barrado, inteiro, inquestionável, seu discurso para o sujeito é percebido como algo imposto, e ele se vê diante de um Outro gozador, que não lhe dá saída a não ser se tornar refém do desejo do Outro.

Na operação de separação, o sujeito se identifica ao objeto a, ao se identificar, a partir de sua falha, com a falha no Outro. Porém, com a ocorrência da holófrase, o Outro não é barrado, e essa identificação ao objeto enquanto algo que falta fica impossível de acontecer, tendo como resultado a encarnação do objeto a em uma parte do corpo do sujeito.

No ano de 1975 Lacan traz uma reviravolta no que concerne aos fenômenos psicossomáticos, colocando-os na vertente do gozo e assinalando que eles comportam uma relação com a escrita, com uma escrita ilegível, que mais se parece com um hieróglifo.

O gozo específico da psicossomática está relacionado com um retorno de gozo no corpo, onde deveria estar o conjunto vazio do corpo. Através da indução significativa ocorre o rechaço do gozo para as zonas erógenas do corpo, passando o sujeito assim a gozar parcialmente. Todavia, nos FPS, ocorre o retorno do gozo no corpo, onde deveriam estar somente significantes, causando um enlouquecimento do corpo provocado por um curto circuito corpo-organismo, na medida em que o gozo regressado ataca um órgão, erogeneizando-o. Esse gozo retornado é nomeado de gozo do Outro, ele é um gozo deveras problemático, pois ele está fora do simbólico, porém localizado no corpo.

O mimetismo é uma forma de pensarmos esse gozo específico dos fenômenos psicossomáticos, uma vez que é comum em paciente acometidos pelos FPS relatarem que algum parente próximo sofre do mesmo mal que ele. O sujeito funcionaria como um outro corpo, ou seja, como um pedaço do corpo do Outro.

Os FPS, na vertente de algo escrito no corpo, se diferenciam da psicose, na qual a saída encontrada pelo sujeito se dá através do delírio, partindo à forclusão generalizada. Nos fenômenos citados, ocorre uma forclusão parcial, ou em um significante qualquer, ou em alguns sítios do discurso, e não no significante do Nome-do-pai. Por isso, a localização do sujeito na psicose e nos FPS se dá de forma distinta, apesar de estarem inseridos em uma série

de casos que têm como ponto em comum a holófrase.

Achamos que esta pesquisa é apenas o primeiro passo para pensarmos esse fenômeno que coloca muitas pessoas diante de um algo que frequentemente não conseguimos compreender. Se neste momento, fizemos a escolha de trabalhar os FPS na vertente do objeto a e da escrita, diferenciando-os do delírio, alguns rastros indecifráveis ficaram no caminho, como por exemplo, como seria o tratamento possível em tais fenômenos. Começamos a trilhar o caminho neste trabalho, apontando a transliteração e o enigma sobre o desejo como uma provável saída, mas isso foi só um rabisco, um rastro, que precisa ser lapidado e construído. Ao fim deste trabalho, passamos a nos questionar como seriam as balizas de um tratamento com um paciente cujo mal, cuja doença, cujo sofrimento, não cede via interpretação. Passamos a nos questionar como se dariam a transferência, as intervenções e o laço social, em uma análise com pacientes acometidos pelos fenômenos psicossomáticos. Achamos que este trabalho não deve limitar-se aqui, precisamos prosseguir a fim de contribuirmos para uma clínica possível no que diz respeito aos FPS. “Vem, vamos embora, que esperar não é saber.... Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”. Vamos?

REFERÊNCIAS

- Allouch, J. (2007). *A clínica do escrito*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Assadi, T. C. (2011). A pele. In: *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise* (pp. 221-239). São Paulo: Anablume.
- Ávila, L. A. (2002). Freud, a psicanálise e a psicossomática. In: *Doenças do corpo e doenças da alma: investigação psicossomática psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Campos, F. & Claro, R. (2010). A antiguidade oriental. In: *A escrita da história 1* (54-86). São Paulo: Escala educacional.
- Chatelard, D. S. (2001, julho/dezembro). Algumas considerações sobre o termo afânise a partir de E. Jones e J. Lacan. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), 51-59. Recuperado em 10 de julho de 2015 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000200004&lng=en&tlng=pt
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coopedê, D. Dunker C. (2011). Usos e abusos da psicossomática no Brasil: casos clínicos. In: *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise* (pp. 241-263). São Paulo: Annablume.
- Copi, I. (1978). Lógica simbólica. In: *Introdução à lógica* (pp. 225-258). São Paulo: Mestre Jou.
- Cordeiro, E. F. (2015). *O inconsciente, do sentido do significante ao gozo da letra: um estudo teórico*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Dor, J. (1989). Metáfora-metonímia e supremacia do significante. In: *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem* (pp. 41-50). Porto Alegre: Artmed.
- Eksterman, A. (2010). *Psicossomática: o diálogo entre a psicanálise e a medicina* (pp. 93-105). São Paulo: Artmed.
- Eves, H. W. (1995). Euler. In: *Introdução à história da matemática* (pp. 471-475). Campinas: Editora UNICAMP.
- Facury, T. C. C. (2011). *A escuta da psicanálise sobre a pele: uma abordagem da doença psicossomática*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Faria, L. B. (2010). *Os hieróglifos antes de Champollion*. Recuperado em 2 de novembro de 2015 de <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos/hieroglifos.pdf>

- Farraco, E. F., & Moura, F. M. (1991). Principais figuras de estilo. In: *Gramática Farraco e Moura* (pp. 433-449). São Paulo: Ática.
- Fonseca, M. C. B. (2010). Há laço social no fenômeno psicossomático – do que se trata? In: *Reverso*, 59, pp. 77-82
- Fonseca, M. C. B. (2006). *Do trauma ao fenômeno psicossomático (FPS): lidar com o sem sentido*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Freud, S. (2013). Concepção psicanalítica dos transtornos psicogênicos da visão. In: *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 9, pp. 314-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2014). Conferência 23: os caminhos da formação de sintomas. In: *Sigmund Freud: obras completas* (Vol. 13, pp. 475-499). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Fuentes, A. (2002). El fenómeno psicossomático y el sintoma: el diagnóstico diferencial. In: *Cuadernos de psicoanálisis de Castilla y León*, 5, pp. 19-26.
- Fux, S. P. (2000, abril). O gozo específico da psicossomática. In: *Opção Lacaniana*, 26/27, 71-73.
- Guir, J. (1988). *A psicossomática na clínica lacaniana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Guir, J. (2003). Fenômenos psicossomáticos e função paterna. In: Wartel, R. et al (Org.). *Psicossomática e psicanálise* (pp. 47-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Harari, R. (1990). *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Campinas: Papirus.
- La Sagna, C. D. (1996). Lesões sensíveis à palavra. In: *Opção Lacaniana*, 17, 60-62.
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998a, dezembro). Conferência em Genebra sobre o sintoma. In: *Opção Lacaniana*, 23, pp. 6-16. (Trabalho original publicado em 1975).
- Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1998c). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1998d). O seminário sobre a carta roubada. In: *Os escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955).

- Lacan, J. (1998e). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval. In: *Escritos* (pp. 843-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1960-1964).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2003a). Lituraterra. In: *Outros escritos* (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2003b). Radiofinia. In: *Outros Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1970).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971).
- Lacan, J. (2010). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Laurent, E. (1997a). Alienação e separação I. In: *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (pp. 31-41). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laurent, E. (1997b). Alienação e separação II. In: *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (pp. 42-51). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Laurent, E. (2003). Os nomes do sujeito. In: Wartel, R. et al (org.). *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Manso, R. Caldas, H. (2013). Escrita no corpo: Gozo e laço social. In: *Revista Ágora, 16* (edição especial), pp. 109 – 126.
- Miller, J. A. (1984) Teoria de Los Goces. In: *Recorrido de Lacan: ocho conferencias*. Caracas, Paris, Buenos Aires: Editorial Hacia el tercer encuentro del campo freudiano.
- Miller, J. A. (1996). Mostras em Prémontre: Intervenção de encerramento do Colóquio da Seção Clínica (pp. 150 – 154). In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.A. (2003). Algumas reflexões sobre o fenômeno psicossomático. In: *Psicossomática e psicanálise* (pp. 87-97). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.A. (2011). La extimidad del goce. In: *Extimidad* (pp. 153-175). Buenos Aires: Paidós.
- Nascimento, M.B. (2010). Alienação, separação e travessia da fantasia. In: *Opção Lacaniana online, 1*. Recuperado em 3 de janeiro de 2015 de http://opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf
- Násio, J. D. (1993). *Psicossomática: as formações do objeto a*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Nicolau, R. F. (2008.) A psicossomática e a escrita no real. In: *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 3(4), pp. 956-990.
- Nicolau, R. F., & Guerra, A. M. C. (2012). O fenômeno psicossomático no rastro da letra. In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1): 226-241.
- Oliveira, S. M. E. (2012). Versões do pai no ensino de Lacan. Recuperado em 20 de novembro de 2015 de http://ebp.org.br/wp-content/uploads/2012/08/Sandra_M_E_Oliveira_Versoes_do_pai_no_ensino_de_Lacan2.pdf
- Pacheco, R. P. (2011). O sujeito lesão e as possibilidades de esvaziamento de gozo na carne: Um caso de psoríase. In: *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise* (pp. 195-212). São Paulo: Annablume.
- Paiva, M. (2009). Operações entre conjuntos. In: *Matemática Paiva* (pp. 13-15). São Paulo: Moderna.
- Pundik, J. (2001). Sobre el Fenómeno Psicossomático. In: *Seminário de Investigação: El cuerpo em Psicoanálisis*. Madri: Nucep.
- Quinet, A. (1988). O corpo e seus fenômenos. In. *Papéis do Simpósio*. Belo Horizonte.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar
- Rabinovich, D. S. (2000). *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Ramirez, H. H. A., & Dunker, C. I. L. (2011). A fantasia encarnada: um estudo sobre o fenômeno psicossomático. In: *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise* (pp. 133-143). São Paulo: Annablume.
- Riaviz, V. N. (1998). Alienação e separação: A dupla causação do sujeito. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Ribeiro, M. A. C. (1996). FPS e Suplência Imaginária. In: *Opção Lacaniana*, 17, pp. 63-65.
- Sirelli, N. M. (2010). Alienação e separação: sujeito e objeto a. In: Alienação e separação: a Lógica do significante e do objeto na constituição do sujeito. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São João Del- Rei. São João Del Rei.
- Soler, C. (1996, novembro). Retorno sobre a questão do sintoma e o FPS. In: *Opção Lacaniana*, 17, pp. 66-68.
- Soler, C. (1997a). O sujeito e o outro I. In: R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus. *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (pp. 52-57). Rio de Janeiro: Zahar.
- Soler, C. (1997b). O sujeito e o outro II. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus. *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (pp. 58-67). Rio de Janeiro: Zahar.
- Soler, C. (2012). *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: A angústia , de Jacques Lacan*. São Paulo: Editora Escuta.

- Souza, N.S. (2005). A angústia na experiência analítica. In: O objeto da angústia (pp. 15-31). Rio de Janeiro: 7 letras.
- Stevens, A. (1987, juillet-septembre). La holofrase, entre psicosis y psicossomática. *Ornicar?* 42, pp. 45-79. Recuperado em 10 de julho de 2015 de <file:///C:/Users/jm/Downloads/AlexandreStevens-Laholofrase-1987.pdf>
- Trillat, E. (1991). A histeria no período contemporâneo. In: *História da histeria*. São Paulo: Escuta..
- Valas, P. (2003). Horizonte da Psicossomática. In: *Psicanálise e psicossomática* (pp. 69-86). Rio de Janeiro: Jorge zahar.
- Ventura, I. F., & Nicolau, R. F. (2012). Da letra ao significante: um manejo possível na clínica dos fenômenos psicossomáticos. In *5 Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e 11 Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*. Recuperado em 2 de outubro de 2015 de http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/v_congresso/mr_48_-_ingrid_de_figueiredo_ventura_e_roseane_freitas_nicolau.pdf
- Víctora, L. G. (2006, outubro). Afânise. *Revista APPOA*, 31(2). (Trabalho apresentado nas Jornadas Clínicas da APPOA, Fundamentos da psicanálise: inconsciente, repetição, transferência, pulsão. Porto Alegre, RS). Recuperado em 10 de junho de 2015 de <http://www.app.oa.com.br/download/revista31-2.pdf>
- Vorcaro, A. (1999). Da holófrase e seus destinos. In: A. Vorcaro. *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social* (pp. 19-58). Rio de Janeiro: Companhia de Freud. Recuperado em 11 de julho de 2015 de <http://ptdocz.com/doc/142314>